

Gerdyana Vasconcelos
Richardson Lael

RUPTURAS E CAMINHOS:

Histórias sobre evasão
e represamento na
Universidade Federal
do Ceará



Vasconcelos, Gerdyana

Lael, Richardson

Rupturas e caminhos: Histórias sobre evasão e represamento na Universidade Federal do Ceará – Fortaleza-CE, 2025.

80 páginas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Ceará, 2025.

Orientador(a): Prof. Dr. Rafael Costa

1. Introdução
2. Desvios de um caminho traçado
3. Um novo futuro sob um novo olhar
4. A coragem de recomeçar
5. Acesso limitado: uma busca por acessibilidade e inclusão
6. Retomar, Reformar, Permanecer

Diagramação e Projeto Gráfico: Mote Design de Ideias

Capa: Rachel Lima

CDD: 378.173

Rupturas e caminhos:

Histórias sobre evasão e
represamento na Universidade
Federal do Ceará

Graduandos



Gerdyana Vasconcelos

De Fortaleza, com o jornalismo florescendo em si, é feita de afetos. Com uma escuta atenta e um coração que sente, transforma histórias em palavras com o cuidado de quem borda memórias no papel, para que nunca deixem de ecoar. Acredita na força dos encontros, na beleza do cotidiano e no poder de uma boa conversa. Escreve para lembrar que sentir é também uma forma de existir.



Richardson Lael

Natural de Maracanaú e residente em Caucaia, é um amante da arte e da cultura. Quando criança, gostava de passar horas em frente à TV, chegando até a decorar comerciais. Daí nascia sua afinidade com a comunicação. Hoje, aos 23 anos e formando-se em Jornalismo, descobriu na vocação a vontade de compartilhar histórias — muitas vezes nunca contadas — e tocar, de alguma forma, aqueles que a acessam.

Orientador



Rafael Costa

Rafael Costa é professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor e mestre em Linguística pela UFC. Pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/USP) e do Grupo de Estudos em Comunicação e Trabalho (ComTra/UFC).

Sumário

Capítulo 1 - Introdução	8
Capítulo 2 - Desvios de um caminho traçado	18
Capítulo 3 - Um novo futuro sob um novo olhar	33
Capítulo 4 - A coragem de recomeçar	46
Capítulo 5 - Acesso limitado: uma busca por acessibilidade e inclusão	58
Capítulo 6 - Retomar, Reformar, Permanecer	70

Introdução

Estar na universidade vai muito além de ter aulas, fazer provas e, ao final, obter um diploma. É viver um mundo de possibilidades, oportunidades, momentos e experiências que moldam cada estudante. Para muitos é a porta de entrada para mudança de vida, ascensão de carreira, engrandecimento intelectual e para validar o seu sucesso como pessoa. Para quem está saindo do ensino médio, estar na universidade representa o começo da vida adulta e o início para as experiências desse novo ciclo. Aos que ingressam tardiamente, a coragem de estar na retomada de uma etapa da vida que pode ter sido adormecida. A motivação para isso pode ser de um sonho, para ascender na vida, ou pode ser até mesmo para atender expectativas, porém uma coisa é certa: estar no ensino superior é trilhar um caminho que parece ser reto, mas que tem muitos altos e baixos.

Os desafios enfrentados pelo universitário no Brasil, principalmente pelos estudantes das classes sociais D e E, são diários e requer muita resi-

liência, que muitas vezes não é possível ter. Vão desde morar longe da instituição e passar horas no transporte público, ter uma jornada de trabalho exaustiva e ainda ter que assistir aula e dar conta de estudar para todas as disciplinas, e muitas vezes ainda conciliar a maternidade a tudo isso... Esses são exemplos que mostram, muitas vezes, os sacrifícios para continuar vivendo a graduação e alimentar essa aspiração, mas que podem fazer com que a passagem pelo ensino superior seja interrompida. Estar nessa posição pode levar o estudante a esse rumo e de repente o caminho percorrido chega a um ponto de ruptura – que é chamado de evasão universitária.

A evasão universitária é descrita pela Comissão Especial de Estudos Sobre Evasão, do Ministério da Educação (MEC), como o desligamento do discente da sua graduação por sua própria responsabilidade, sendo dividida em três níveis: evasão de curso (ligadas ao abandono ou transferência para outro curso), evasão de instituição (saída da instituição em que o aluno estava matriculado) e evasão de sistema (abandono, temporário ou permanente, do ensino superior). *“Se a gente colocar num sentido mais amplo, é aquele aluno que, deixa a instituição por alguns motivos que podem ser estritamente acadêmicos, pessoais ou tradicionais, em função da atuação”*, reforça Júlio Barros, coordenador da Coordenadoria de Planejamento, Informação e Comunicação (COPIC) da Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Antes de entender o que pode motivar a evasão, é importante saber que existe outro fenômeno que a antecede, o chamado represamento. Sendo o primeiro passo para evadir, o represamento é o atraso do progresso da graduação do estudante, seja pelo acúmulo de atividades ou demandas, até faltas e reprovações, mas pode estar ligado também a questão de identificação ou experiência do discente dentro do seu curso, como poderá ser entendido nas histórias presentes neste livro. Esse pode se enquadrar entre os motivos que levam um aluno a evasão, ou muitas vezes é um indicativo de alguém que está prestes a realizar esse processo. *“É na identificação do represamento que podemos entender e evitar o aluno de evadir”*, discorre o coordenador da COPIC.

Mas a evasão pode ser causada por diversos fatores, que vão desde questões financeiras até questões internas da instituição de ensino. Em seu livro *“M-ES Escala de Motivos de Evasão do Ensino Superior”*, o doutor em psicologia e professor da PUC-Campinas, Rodolfo Ambiel, lista motivos para evasão sintetizados em sete grupos:

Institucionais: qualidade do corpo docente, relação do com outros alunos, infraestrutura, etc;

Pessoais: dúvidas em relação ao curso escolhido;

Falta de suporte: necessidade de trabalhar;

Carreira: perspectivas profissionais;

Desempenho acadêmico: notas, reprovações, etc;

Interpessoais: vínculos e cooperação com colegas corpo docente;

Autonomia;

Aproximando da nossa investigação jornalística, na Universidade Federal do Ceará (UFC) os motivos de evasão se mostram de formas diversas. Em entrevista, Júlio explica que as queixas de evasão mais comuns recebidas pela instituição se referem a razões financeiras e subsistência, maternidade e a falta de identificação com o curso escolhido. O coordenador da COPIC ainda alerta sobre a infraestrutura e o bem-estar de alunos PCDs (pessoas com deficiência) como uma demanda frequente da universidade.

“

Um aspecto que tem chegado para a gente é em relação aos alunos PCDs. Há ainda uma certa dificuldade de obter apoios efetivos na condução da trajetória acadêmica. Por isso, em parceria com a Secretaria de Acessibilidade, começamos a passar algumas informações sobre quem são os alunos com deficiência da instituição, logo no processo de ingresso, para que os coordenadores de cada curso estejam cientes e que eles [os alunos] procurem a coordenação com mais facilidade, procurem identificar quem é o agente de acessibilidade daquela unidade, para que mais facilmente ele possa se integrar a universidade. Mas efetivamente tem a questão financeira e a subsistência da família, que é uma questão a se considerar. Temos também aquele aluno que está ainda dentro do curso mas não se identifica e que deseja trocar para outro curso, através do edital de mudança de curso, mas isso pode gerar um abandono total ou o que chamamos de abandono temporário, caso ele consiga a transferência. Outro exemplo comum é uma aluna que acaba tendo um filho e a chegada da maternidade pode ser um empecilho para a continuidade ou pode gerar esse abandono temporário. Questão de saúde de alguém da família ou do próprio aluno que precisa fazer um acompanhamento de alguém que está com problema de saúde, né? Então são elementos que a gente está sempre identificando.

”

O painel de indicadores de evasão e retenção da UFC, em sua última atualização em 2022, mostra que a unidade acadêmica com maior taxa de evasão foi o Centro de Ciências, chegando a 13,3% no segundo semestre. Confira a seguir o gráfico com as taxas de evasão de todas as unidades acadêmicas:

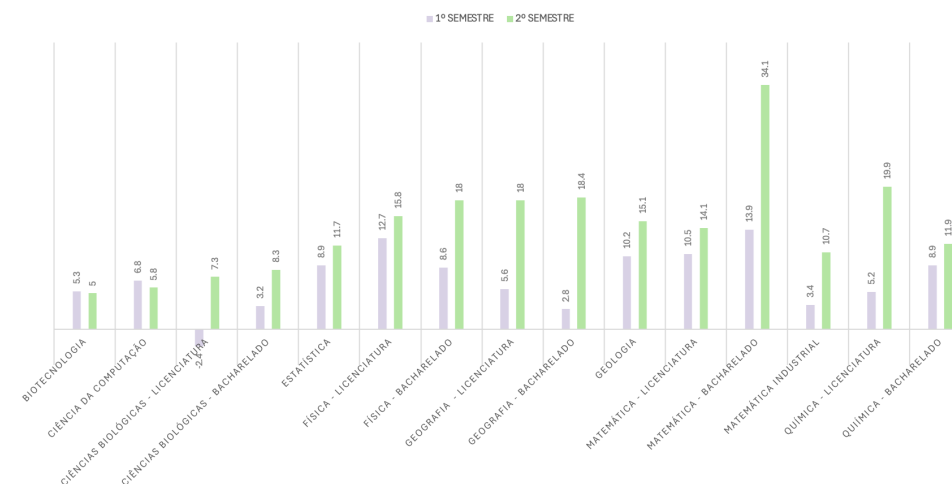
TAXA DE EVASÃO POR UNIDADE ACADÊMICA (2022)



Da esquerda para direita: Centro de Ciências, Centro de Ciências Agrárias, Centro de Humanidades, Centro de Tecnologia, Faculdade de Educação, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Instituto de Cultura e Arte, Instituto de Educação Física e Esporte, Instituto UFC Virtual, Instituto de Ciências do Mar.

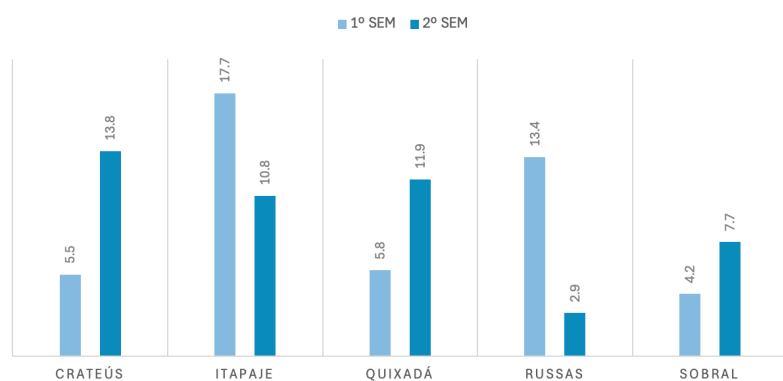
O Centro de Ciências abriga cursos como Física, Geografia, Estatística, Química e Matemática (bacharelado), sendo este o responsável pela maior taxa de evasão dentro da unidade. Confira a seguir o gráfico das taxas de todos os cursos do Centro de Ciências:

TAXA DE EVASÃO - CURSOS DO CENTRO DE CIÊNCIAS (2022)



É importante citar também que, além das unidades acadêmicas em Fortaleza, a UFC se estende pelo interior cearense, com unidades em Crateús, Itapajé, Quixadá, Russas e Sobral, onde as taxas de evasão também são altas. O painel de indicadores mostra que em 2022.1 Itapajé e Russas atingiram 17,7% e 13,4%, respectivamente, na taxa de evasão. Confira abaixo o gráfico completo:

TAXA DE EVASÃO POR UNIDADE ACADÊMICA - INTERIOR (2022)



O professor e coordenador do curso de Psicologia em Sobral, Iratan Bezerra, relatou que o campus enfrenta problemas sérios de infraestrutura e que esse é um motivo que interfere na permanência na universidade. O professor coordena um projeto de extensão que auxilia na diminuição da evasão na unidade acadêmica, que propôs transformar o segundo andar do Restaurante Universitário em um lugar de convivência, equipado para o descanso e passatempo dos alunos.

“

Nesse local de convivência teria uma salinha para cochilódromo, com os colchonetes para os meninos poderem dormir; uma luderia, que é um local onde tem jogos para eles poderem tirar, como se fosse um livro de biblioteca e depois tem que devolver, para eles jogarem ali enquanto estão esperando uma aula; e um local também com mesas para eles poderem conversar. Esses espaços também são muito importantes para os estudantes, para a permanência.

”

Mas o que a UFC tem feito para resolver o fenômeno da evasão?

A instituição de ensino, por meio da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAE) tem como uma de suas metas “agir, preventivamente, nas situações de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras” e dispõe de políticas de promoção e apoio dos estudantes das graduações, principalmente os de baixa renda. 79% dos estudantes de graduação da UFC possuem renda per capita (cálculo envolvendo os rendimentos de todos os integrantes de uma família) de até meio salário mínimo, enquanto outros 12% possuem renda de até um salário mínimo.

Suas ações incluem bolsas de ajuda de custo, iniciação acadêmica, permanência e incentivo ao desporto, além de auxílio creche, auxílio ingressante, auxílio moradia e auxílio emergencial. Vale salientar a residência universitária, que garante moradia para que os estudantes não deixem a graduação por motivos de locomoção e distância. Segundo a PRAE, dos 30 mil alunos da UFC, 5.700 se beneficiam da sua assistência por meio de bolsas ou apoio da Residência Universitária (RU). Júlio discorre sobre as bolsas da PRAE, citando a importância do auxílio ingressante para a manutenção dos alunos:

“São R\$ 500,00 para aluno de baixa renda e isso ajuda bastante na questão da manutenção, na questão do deslocamento, na questão da alimentação, mesmo a gente tendo o RU, que é uma outra política fundamental para a manutenção dos alunos. Então, esses auxílios são fundamentais para redução de alguns indicadores de evasão.”

Outros projetos institucionais como o Programa de Acolhimento e Incentivo à Permanência (PAIP) também se mostram relevantes dentro da instituição, pois ajudam os discentes não só com bolsas de apoio a projetos de graduação e gestão acadêmica, mas também contribuem com um ambiente de qualidade nos primeiros semestres da graduação para a aprendizagem. O Programa de Educação Tutorial (PET) é citado por Júlio como um projeto importante também para a questão da ambientação do discente. Vários cursos da graduação tem o seu PET, que promove ações como cursos, oficinas, debates, momentos de interação, pesquisa científica e pesquisa de extensão.

“Eu fui tutor do PET no curso de Estatística e a gente tinha ações especificamente de orientação, principalmente para alunos ingressantes que vêm para um outro ambiente que é totalmente diferente do ensino médio. Essa ambientação não é tão simples assim. Então tinha aquela orientação, por exemplo, numa disciplina mais difícil. No PET já tem bolsas efetivamente de monitoria para esse auxílio.”

Mesmo prestando esse apoio, em certos contextos eles não são suficientes e a evasão universitária acaba acontecendo. Esse é um fenômeno

que pode acontecer em qualquer momento da graduação e requer atenção, diálogo e conhecimento da instituição por parte do estudante e também da gestão universitária.

Eduardo Lucas Silva de Oliveira

Guilherme Perdigão

Vitória Barreto de Souza

Estes eram nomes comuns de se ouvir durante a chamada nas aulas dos seus respectivos cursos mas que eventualmente se tornaram números somados aos dados de evasão da instituição. A vida ensinou Paulo Eduardo da Paz da Silva a entender os desafios de uma pessoa com deficiência, mas ser o primeiro aluno PCD do seu campus foi uma vivência que o faria questionar seu rumo dentro da universidade. Nos próximos capítulos você se aprofunda nas causas de evasão e represamento da instituição através de suas trajetórias.

Desvios de um caminho traçado



A assinatura dos boletins de Guilherme Perdigão durante o ensino fundamental e médio era um evento que gerava em suas pais uma única expectativa: a aprovação do ano letivo com boas notas. Era comum ouvir dos professores da Escola de Ensino Fundamental e Médio (EEFM) José Bezerra da Silva que o skatista discreto, observador, de cabelos pretos, olhos castanhos escuro e estatura média era um dos melhores da turma. Caçula entre três irmãos, demonstrava desde pequeno seu esforço e dedicação aos estudos, o que era motivo de orgulho e felicitações para seus pais. Algumas pessoas passam a vida inteira buscando o reconhecimento dos outros ao seu redor, desejando que alguém acredite no seu potencial, querendo ouvir “eu acredito em você” ou “você vai conseguir”. Muitas delas infelizmente nunca experimentaram essa realidade. Guilherme tem o grande privilégio de não estar incluso nessa situação.

Sabe quando você observa uma pessoa e enxerga um potencial? Quando desde cedo se imagina um futuro brilhante? Por causa do seu desempenho escolar, era comum para Guilherme ouvir de professores e até familiares o quanto seu lugar num curso superior era certo. Por um lado, existe um carinho nisso tudo. Por outro, vai se criando uma grande pressão em cima das escolhas e da vida de uma pessoa. No caso, de um menino com pouca idade para lidar com isso. O aluno que estudou em escola pública a vida inteira cresceu envolto de expectativas, mesmo não sendo uma criança que almejava uma profissão específica.

Guilherme: Eu sempre escutava várias pessoas falando que eu tinha que me tornar um engenheiro. Aí na época eu achava que era isso e tal.

Gerdyana: Tu escutava isso de quem? Dos seus pais, dos familiares, de quem era?

Guilherme: Tanto dos meus familiares quanto dos meus professores. Eu sempre estudei em escola pública, né? Quando na escola pública um aluno tinha algum destaque, sendo

comunicação ou algum destaque intelectual, os professores tentam também encaminhar esse aluno para algo que eles acham que é o certo. Então, eu sempre escutei isso tanto de professores quanto de pessoas que tivessem dentro do meu ciclo, seja familiares ou amigo dos meus familiares, que sempre tem aquela história de uma tia ou de uma amiga de alguém que tá ali pela casa e fala: “Ah, esse menino deveria ser isso, deveria ser aquilo”.

Certo dia, o garoto de 15 anos pesquisou sobre as áreas de engenharia, grades curriculares, dados sobre mercado de trabalho e contratação... O sonho de ser engenheiro nascia, não só por influência das pessoas ao seu redor, mas também por perceber a importância que o ensino superior teria para sua carreira. Isso também era reforçado dentro de casa ao ver os exemplos de suas irmãs mais velhas — uma formada em gestão hosi-

ptar e a outra terminando o curso de finanças. A graduação representava melhoria de vida para elas e para toda a família, chefiada pelo pai aposentado e pela mãe, que era responsável pelas funções do lar. Por isso, suas irmãs sempre faziam questão de lembrar dos desafios que a vida entregaria, principalmente para uma família de classe baixa como a deles, que residiam todos juntos no bairro Jurema, periferia de Caucaia. Para além do incentivo, diziam para Guilherme tentar conciliar seu futuro curso superior com o trabalho. O menino ouvia atentamente e concordava, sem saber que futuramente isso traria um dilema para sua vida.

Suas boas notas e seu destaque indicavam um caminho e por ele Guilherme seguiu. Sendo esse aluno conhecido por ser estudioso, no ensino médio seus professores lhe davam uma atenção redobrada. Sua escola estava passando por uma reforma estrutural, com poucos alunos nas turmas, por isso era comum o corpo docente dar uma atenção mais cuidadosa para os alunos. Simulados, aulões e até mesmo ajuda para inscrição nos vestibulares — a escola sempre se mostrou para Guilherme como uma grande apoiadora do ingresso na universidade. O jovem lembra de quando a instituição promoveu uma emissão de certificados de conclusão extraordinária para ajudar na matrícula dos alunos na universidade. Mas mesmo com seus estudos indo bem e com a confiança de estar tendo o suporte necessário, Guilherme sentia uma grande pressão. O peso de estar entrando na fase adulta e tendo que tomar grandes decisões para o futuro trazia certa ansiedade.

“Desde os 4 anos até os seus 18 anos você está dentro de uma escola e aí você se vê tendo que decidir qual curso que você vai cursar e na cabeça de uma pessoa de 17, 18 anos é uma pressão muito grande, porque ali você tá definindo o seu futuro. Parece que você não vai poder ter nenhum desvio nesse caminho, entende? Porque você sempre esteve na escola e você sempre estudou e aí você vai estudar mais 4 anos ou 5 anos de um curso para trabalhar na área que você estudou e aí talvez você faça uma pós-graduação na área que você estudou. Uma linha reta sem nenhum desvio.”

O pré-vestibular trazia para Guilherme a sensação que aquela nota ditaria o resto da sua vida. Junto a isso, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) também o assustava. Mesmo tendo se preparado bem durante seus 3 anos de ensino médio, o nervosismo era inevitável. Com muita determinação, Guilherme chegou até o momento de abertura do Sisu, onde finalmente poderia escolher seu curso. Nessa parte, suas afinidades e preferências foram levadas em consideração e a partir de sua nota, o jovem escolheu tentar engenharia de pesca e história como primeira e segunda opção, respectivamente. Com tudo isso em mente e perto de fechar o período de escolha do sistema, Guilherme ainda procurou a opinião da sua família, que mesmo não estando totalmente por dentro do processo ajudou na sua decisão.

– *Então, com a nota que eu tenho eu consigo passar em história e engenharia de pesca e eu vi que em engenharia de pesca dá para eu fazer uma troca de curso, mas dentro das cadeiras eu vi que tinha muita biologia que é um assunto que eu me interessei muito. Talvez eu vá gostar mais do que de história. O que vocês acham?*

– *Bom, se você se você tá falando que é isso que você quer, então pode ir – disse seu pai, confiando que Guilherme faria o que fosse melhor para ele no momento.*

No ano de 2018, Guilherme ingressou na Universidade Federal do Ceará (UFC) no curso de Engenharia de Pesca. Sua primeira experiência dentro da instituição foi através de uma feira das profissões, então seu primeiro contato como aluno foi como conhecer um novo mundo. Rindo, o estudante nos conta que passou pelo tradicional trote duas vezes por engano.

“

Eu fui entregar minha documentação um dia que não era do meu curso e tinha algumas pessoas de ciências agrárias lá, mas não era todo mundo. E aí eu sofri um trote do pessoal que estava lá e aí no dia que eu fui entregar a documentação no dia certo, eu sofri outro trote, mas foi trote tranquilo, tipo de pintar, tudo mais.

”

Durante sua semana de recepção, Guilherme participou do pré-agrarias, cursos básicos que os calouros das engenharias têm, e a partir disso foi se inserindo no ambiente e entre os outros estudantes, que apresentavam o campus, onde cada aula iria acontecer. Ainda assim, Guilherme se sentiu um pouco sozinho pois percebia que outras pessoas já se conheciam e algumas já estavam bem enturmadas. Com o tempo, a turma daquele semestre foi ficando mais unida e, segundo o jovem, permaneceu assim até mais ou menos três semestres, mesmo sendo comum a troca de curso ou desistência.

A solidão deu lugar ao que Guilherme vivera na escola: as mesmas pessoas unidas, trocando experiências e convivendo juntas todos os dias. Assim, o novo ambiente foi se tornando confortável e um lugar onde o estudante pôde aproveitar novas experiências. Guilherme gostava muito dessas aulas de ciências agrárias e dos professores e também, como esperado, gostava bastante das disciplinas do seu curso que envolviam biologia, como zootecnia, biotecnologia do pescado, introdução a engenharia de pesca, biologia marinha, etc. A troca de curso já não passava mais em sua mente. Guilherme parecia realmente ter se encontrado e aquelas preocupações sobre futuro e carreira não perturbou o universitário durante seus 3 primeiros anos de graduação.

Por conta da pandemia de Covid-19, o ano de 2020 foi um período de incertezas e adaptações para os estudantes. Com o lockdown, a UFC pausava suas atividades, o que fez Guilherme parar seus estudos. Mas viver é lidar com o inesperado, mesmo quando não parece ser possível se desviar do caminho. O mês de maio chegou e trouxe grandes mudanças.

“
Foi dentro desse fechamento da própria UFC que minha vida tomou rumos que me fizeram trocar meus objetivos na época. Eu descobri que eu ia ser pai.
”

A responsabilidade de cuidar de outra pessoa fez Guilherme repensar toda sua vida. Viu nisso a necessidade de ter que direcionar seu tempo para trabalhar, uma vez que o sustento de sua filha virou sua maior prioridade. Então Guilherme começa a trabalhar no pagamento de boletos do Banco Palmas¹. Durante o período sem aulas, desenvolveu suas primeiras experiências no mercado de trabalho, mesmo não sendo na área em que originalmente desejava atuar. Mas quando a universidade volta com suas atividades no formato online, o jovem se vê numa corda bamba. Agora seu emprego consumia todo seu tempo – o mesmo que era consumido anteriormente pela sua graduação em tempo integral.

A persistência de Guilherme se mostrou cada vez mais forte nesse momento. Abrir mão do seu lugar na universidade não era uma opção, por mais difícil que parecesse ser. Sua primeira ação foi tentar buscar uma flexibilidade para fazer as duas coisas simultaneamente.

¹ O Banco Palmas foi fundado pela Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras (AS-MOCONP) em 1998 com o intuito de implementar ações de desenvolvimento local e inclusão social por meio da economia solidária, focando na superação da pobreza. Hoje tornou-se pioneiro no ramo, sendo o primeiro banco comunitário brasileiro.

“
As aulas aconteciam no período em que eu estava trabalhando, então eu conversei com a minha coordenadora da área que eu trabalho hoje e ela falou que estava tudo bem eu estudar quando a demanda estivesse baixa e aí eu tentava trabalhar e meio que estudar ali junto, conciliar os dois ao mesmo tempo. Só que muitas vezes eu entrava na sala de aula que o professor mandava [o link] e aí tinha que trabalhar em outra coisa e eu acabava não prestando tanta atenção na aula.
”

A tarefa de conciliar o trabalho e estudar pode ser mais difícil do que se imagina, pois nem sempre é possível dar a prioridade necessária para ambos, sem contar com as demais áreas da vida. O exemplo de Guilherme ajuda a ilustrar que o psicólogo do trabalho Iratan Bezerra chama de “bolo finito”, ao descrever a relação do ser humano com o tempo e os desafios ao redor disso. Em entrevista, o professor e coordenador do curso de psicologia da UFC em Sobral e pesquisador do tempo social explica que o tempo pessoal de cada um é finito, assim como o dia – 24 horas – e conciliar funções que precisam de muito tempo podem prejudicar a experiência e as demandas exigidas. No caso da relação trabalho e estudo, o universitário sacrifica sua experiência na universidade.

“
Se eu dedico 8 horas ao trabalho, eu tenho que sacrificar 8 horas de outro lugar. Que outro lugar eu tô sacrificando? Dessa interação com o meu colega. De ir para a extensão e fofocar a respeito de um comentário que alguém fez, entendeu? Ou de uma teoria ou de um livro que alguém leu, ou de um artigo que alguém escreveu... Isso vai formar um tipo de pensamento, um tipo de interação que gera um profissional diferente. Então, a pessoa que trabalha o dia todo, ela já tá alijada disso aí.
”

Iratan também nos explicou que mesmo conseguindo fazer a conciliação, os desafios para dar conta de tudo são grandes:

Iratan: Se eu tenho 7 dias na semana e a minha semana vai resetar a partir do oitavo dia, no oitavo dia eu trabalho e estudo e eu não consigo dar conta da universidade nos cinco primeiros dias da semana porque são dias de trabalho, eu tenho que dar conta de 5 dias de aula em 2 dias no final de semana. Aí eu te pergunto, que horas eu tenho para que eu seja eu mesmo, no sentido de assim, eu vou fazer o que eu quero? Eu vou sair, eu vou descansar, entende?

Richardson: Quem é mais afetado com essas questões?

Iratan: Quem é mais afetado são as pessoas que não tem a

opção de não trabalhar. Algumas pessoas, elas podem optar. As que não podem, são as mais afetadas. Principalmente as mulheres. Porque o trabalho reprodutivo e o trabalho dos cuidados de casa, geralmente recaem sobre as mulheres. Então nesse caso a gente tem um impacto maior sobre elas, certo? Porque elas vão somar o trabalho fora de casa com o trabalho dentro de casa, com o estudo. E o cuidado com os filhos. Se a gente colocar na conta que a maioria das famílias solas são chefiadas por mulheres e não por homens, aí você triplica esse problema, certo? Porque aí tem também o cuidado com os filhos.

Mesmo nessas dificuldades Guilherme permaneceu tentando por 3 semanas e só isso o fazia se sentir bem. Saber que ainda conseguia estar nas aulas trazia a sensação de que as coisas não tinham mudado tanto assim. Era como voltar ao Guilherme de 18 anos, encantado com seu curso. Até que os conteúdos começaram a ficar mais densos e suas funções no banco passaram a tomar ainda mais seu tempo. Conciliar o estudo durante seu expediente se tornava cada vez menos possível, o que desanimou o

estudante. Até que a chegada da primeira avaliação viria como um ultimato para essa situação.

Ao olhar para a prova e perceber que não entendia nada do que estava ali, seu primeiro pensamento foi “*Não, eu acho melhor eu parar aqui, se não eu vou acabar me frustrando com isso aqui, não vou conseguir trabalhar direito, nem estudar direito*”. Estudar não parecia uma opção, quando o seu emprego traria um retorno melhor a curto prazo. As bolsas da faculdade não conseguiam dar conta dos gastos que sua vida demandava e principalmente para cuidar de sua pequena Aurora Lis.

De repente, a questão sobre carreira e estudos pregada pelas suas irmãs mais velhas reapareceu, mas desta vez como um dilema: trabalhar ou estudar? E antes que Guilherme tentasse ponderar um pouco mais, suas irmãs o ajudaram a tomar sua decisão.

“
Minhas irmãs nunca opinaram muito [sobre minha vida] mas deixaram claro que como eu já era pai, o que sustentaria minha filha e eu era o trabalho.
”

Foi assim que a estrada construída desde sua adolescência ganhou um desvio. Guilherme desiste de estudar engenharia.

Enquanto combinava trabalho e estudo, Guilherme se enquadrava entre os jovens chamados estudantes-trabalhadores, que em recente pesquisa da PNADC-Educação/IBGE (2023) chegaram a 53,2% nas universidades públicas do Brasil. Com as particularidades de sua vida, teve que ceder ao trabalho que, segundo Iratan, é a única forma de obtenção dos meios materiais de existência. “[O trabalho] é o modelo atual que nós temos de vida. Ou você trabalha ou você não consegue viver. Ponto. Nós vivemos num sistema em que tudo é mercadoria, certo? E eu só posso ter acesso

à mercadoria através do trabalho, não só porque o trabalho vai gerar riqueza em termos de dinheiro, mas também porque ele vai gerar a própria mercadoria, ele em si é a mercadoria, o trabalho. Então, se a pessoa tiver que optar entre o estudo e a comida de amanhã, ela vai optar pela comida de amanhã, porque sem a comida de amanhã ela nem estuda”, discorre.

O impacto principal de priorizar o trabalho em detrimento da graduação está no sacrifício das experiências universitárias já ressaltadas por Iratan, gerando a sensação de não pertencimento, a diminuição da possibilidade de vínculos e a perda do convívio para o estudante. Somado a isso, a necessidade de trabalhar também impacta na evasão universitária por conta de questões físicas. O cansaço dos estudantes trabalhadores afeta o rendimento acadêmico e pode resultar num índice de reprovação grande.

“Quando a pessoa está cansada não consegue se dedicar o suficiente, ela vai deixar de dormir, ou ela vai deixar de ter lazer, ou ela vai sacrificar uma disciplina ou outra. Ela vai estudar para uma, para outra ela não estuda e passa arrastada, ou então sai passando arrastada em duas, três. Então os desafios são principalmente os de logística que incluem basicamente o tempo e obviamente o cansaço, para que a pessoa consiga dar conta de tanta atividade em tão pouco espaço de tempo que ela vai ter.

Guilherme queria pelo menos ter falado com algum professor ou colega que pudesse ajudar de alguma forma, mas o afastamento físico que a pandemia causou dificultou tudo. Com isso, vem à tona o questionamento de até onde a universidade pode ajudar em casos como o do ex-graduando em engenharia. Ao ser perguntado, Iratan responde que, se tratando da UFC, existem programas de manutenção dos estudantes, bolsas e auxílios e destaca também o Restaurante Universitário (RU) como um ponto positivo. “Em lugar nenhum você come a menos de dois reais. Então, você tem a

possibilidade de almoçar e jantar pagando 4 reais. Isso pode parecer uma coisa mínima, né? Não é. Para a maioria dos estudantes, isso é essencial”, comenta.

Entretanto, ainda há pontos que precisam melhorar. O professor infere que ter um corpo docente preparado para receber esses alunos e ajudar a lidar com tal problema é de suma importância, assim como uma boa infraestrutura e garantir espaços de qualidade para os estudantes. Mas em nossa conversa, o profissional também aponta que ainda sim a instituição, assim como as demais universidades públicas, possuem um poder limitado e que talvez essas ações podem não ser suficientes. Iratan levanta a discussão de que o Estado poderia solucionar melhor esse problema, com políticas públicas que garantam condições materiais para a conciliação do trabalho e do estudo.

“Da mesma forma que uma mãe solo precisa de creche para deixar seu filho para poder trabalhar. Se ela não tiver com quem deixar o filho, ela não vai trabalhar, entende? A gente costuma pensar na coisa como algo simples mas não é. É uma coisa muito maior. A universidade pode dar um auxílio creche, ela tem auxílio creche, vai resolver? Não vai. Porque ele precisa pagar aluguel, ele precisa comer, ele precisa de um monte de coisa. Quem é que teria que fazer isso? Algum tipo de política pública que vai muito além da universidade. Compreende? Então, o professor tem o poder, os técnicos administrativos têm o poder, a universidade tem um certo poder maior, mas o Estado tem um poder muito maior.

Mesmo com tudo o que a instituição poderia oferecer como ajuda, não foi suficiente para Guilherme. O pai de primeira viagem se viu preso nessa corda bamba, onde a melhor escolha foi fazer o que parecia certo no momento. Mas evitar a frustração foi impossível. Depois de ter ido con-

sideravelmente longe e ter percebido o quanto gostava de estar junto de seus colegas, aprender o conteúdo que descobriu gostar e viver a experiência universitária, Guilherme sentiu o peso de ter desistido desse sonho.

“Primeiro eu fiquei meio triste. Com o tempo eu fui começando a gostar do curso. Diferentemente quando eu entrei que eu não tinha a mínima ideia de para onde ir quando acabasse, mas durante o curso eu já tinha em mente o que fazer. Eu fiquei triste por ser alguma coisa que eu teria que abrir mão, mas eu acho que eu me sentiria mais frustrado mesmo se eu ficasse naquilo e não conseguisse suprir as minhas expectativas.”

A partir da experiência em acompanhar os alunos em seu projeto de extensão que visa a permanência dos estudantes na universidade, Iratan explica que esse sentimento de Guilherme, junto com a culpa, são comuns nesses casos. Isso está ligado diretamente aos motivos que levaram o indivíduo a estar no ensino superior, que segundo o psicólogo, geralmente são desejo pessoal, ascensão social e pressão social.

“Para os dois primeiros, a culpa é esmagadora. Porque a pessoa na verdade tá abrindo muito mão de um sonho e de uma possibilidade de melhoria, porque ela não tem uma condição real e imediata de continuar o estudo. Sentir-se culpado ou culpada é muito comum. É um discurso que eu particularmente, enquanto coordenador, escuto muito. E a pessoa geralmente diz assim: ‘Mas eu não posso deixar de trabalhar.’ E veja como a questão moral é importante. Eu sugiro inclusive que essas pessoas reduzam a carga de disciplina. Então, em vez de fazer seis, sete cadeiras, faz três, faz duas. Demora a se formar, mas vai se formar e vai trabalhar. Mesmo assim a pessoa se sente culpada.”

Nesse novo caminho traçado, Guilherme foi se estabilizando em seu emprego, o que trouxe o retorno financeiro esperado. Com o passar do tempo foi mudando de cargo, o que fez com que pegasse gosto por estar ativo no mercado de trabalho. Outras mudanças também aconteceram na sua vida. Saiu da casa dos pais e mudou-se para Messejana, morando próximo do trabalho, mas com o passar do tempo, Guilherme foi sentindo falta de estudar. O conhecimento que lhe moveu durante seu período na escola e na universidade estava focado no que era necessário, mas não no que ele realmente queria. A vontade de se desenvolver cada vez mais foi o que fez o jovem adulto resgatar a rota para um caminho que parecia abandonado. Foi a afinidade com as áreas da tecnologia e a flexibilidade de um curso EaD que fizeram Guilherme entrar em sua segunda graduação. Em 2024 seu ingresso no tecnólogo de Ciência de Dados fez Guilherme perceber que estava onde queria estar de novo. Desta vez, sendo um homem adulto e “andando com suas próprias pernas”, sem atender expectativas de terceiros e com a vontade de evoluir.

“Eu faço agora a minha graduação, mas por questões diferentes da minha primeira entrada na universidade, na UFC. [...] Eu vejo que o meu primeiro contato com a UFC tinha muita influência dos meus pais, das minhas irmãs, das expectativas que alguém tinha por mim. Não me arrependo de ter entrado, me ajudou muito pessoalmente a entender várias coisas. Mas essa segunda entrada na faculdade no curso superior foi algo que foi inteiramente minha decisão. Não tem mãe, não tem pai, não tem irmã envolvida. Eu decidi.”

Com 25 anos e quase formado, Guilherme deu a volta por cima do problema da evasão. Como num filme com viradas inesperadas na história, nunca imaginou que conseguiria estar trabalhando e garantindo a renda necessária para sua família e para seus estudos. Guilherme, que se acostumou a se imaginar cursando engenharia, não chegou a prever que estaria tão bem em uma área oposta. Realmente, os frutos que imaginava colher

com sua graduação na UFC não vieram, mas é algo que fará para sempre parte da sua formação como pessoa. As experiências, as novas responsabilidades, o primeiro contato com a vida adulta o prepararam para suas futuras etapas e isso é lembrado com muito carinho, junto com as risadas e os momentos com sua turma nos encontros no auditório de matemática.

Olhando para trás, o jovem adulto enxerga que realmente fez o que era certo e que isso o levou exatamente para o ponto em que está hoje, sendo dono da sua própria narrativa, sem atender expectativas e construindo um futuro que lhe dá muito orgulho. Guilherme deixa um conselho para outros que estiverem na mesma situação em que ele se encontrava:

“

Escutei isso semana passada, de um cara que eu acompanho há um tempo, ele fala que você deve escolher seu curso superior não pelo emprego que ele vai te dar. Não pelo retorno financeiro que ele vai lhe dar ou pelo sucesso profissional, mas exatamente pelo contrário, você tem que se ver feliz naquilo independente do que ele vai lhe gerar. Você seria um bom historiador desempregado? Você seria um bom engenheiro de pesca desempregado? Entende? Você tem que se sentir realizado com aquilo que você escolheu. Também eu acho que a vida não acaba ali, né? A vida depois do Sisu tem várias etapas que você tem que passar ainda, então talvez você escolha o curso errado, talvez você vai ter que fazer o ENEM de novo, talvez você se frustre dentro do curso e tudo isso é normal. É tranquilo, você vai passar por processos dentro da universidade ou dentro do mercado de trabalho que vão lhe moldar muito. Então, eu acho que o conselho que eu dou é só tirar um pouco esse peso, respirar um pouco, ver se é isso que você quer mesmo. Se não for o que você quer, não tem problema. Se você não quiser a universidade, não tem problema também.

”

capítulo 3

Um novo futuro sob um novo olhar

capítulo 3



É comum dizer que você só passa a compreender seus pais quando a paternidade ou a maternidade entra em sua vida. Você entende alguns pontos da sua criação e até replica isso como uma forma de repassar bons costumes, mas em alguns casos, também passa a discordar de atitudes e ensinamentos que foram negativos. A chegada de um filho muitas vezes pode vir acompanhada da vontade de compensar – de um jeito diferente – a sua própria criação. Foi isso que Vitória Barreto entendeu com o nascimento de Ayla. Ela enxerga que essa seria sua chance de se dedicar para a criação de uma forma que ela não viveu em sua infância.

Como de costume, às tardes Ayla chega em sua mãe pedindo ajuda com as atividades escolares. É na animação e no empenho da garota (assim como nos elogios que recebe de sua professora) que Vitória percebe o

potencial da filha, sendo impossível não lembrar da sua versão mais nova, que também sempre foi boa na escola. Mas a comparação a faz perceber uma diferença entre as duas: Ayla nunca sentirá a ausência de um apoio em relação aos seus estudos, ausência essa que acompanhou Vitória até o momento em que desistiu do seu ensino superior.

A família é um pilar importante na permanência de um estudante dentro da universidade e pode se manifestar de diversas formas. Sem tal suporte, seja ele psicológico ou mais palpável (ajuda com custos, locomoção, etc) a experiência dentro do ensino superior pode se tornar mais difícil e o relato pessoal de Vitória consegue mostrar o quanto a presença familiar importa.

Carinhosamente chamada apenas de Barreto pelas pessoas próximas, a jovem adulta de 25 anos confessa não ser uma pessoa de muitos sonhos, mas que sempre teve força de vontade para querer ser algo mais. “Ser alguém na vida”, como ela costuma falar. Isso permitiu com que ela acreditasse num futuro melhor não só para si mesma, mas agora também para sua filha, Ayla, de 4 anos. Assim como muitos brasileiros que nasceram em famílias de classe baixa, morando na periferia e tendo poucas oportunidades na vida, Barreto apostava muito que a educação mudaria sua realidade, no entanto nem sempre foi fácil percorrer o caminho mais saudável para obtê-la.

Seu seio familiar era carente de incentivos. Criada apenas por sua mãe, Barreto não tinha uma profissão dos sonhos. Enquanto outras crianças desde pequenas sonham em ser médicas, ou jogadoras de futebol, a pequena Vitória não alimentava esse tipo de expectativa. Ao decorrer de sua vida, sempre foi instruída sobre a importância do trabalho duro como forma de engrandecimento honesto. O foco era estar preparada o quanto antes para ter um emprego, seja ele qual fosse, sem uma perspectiva de crescimento intelectual ou de formação acadêmica. Essa era a visão da matriarca da família, que repassou para sua filha os ensinamentos das vivências de sua origem humilde, cuja luta para sobreviver era a principal motivação. Um ótimo exemplo dessas questões pode ser visto no curta-

-metragem *Vida Maria* (2006). A animação acompanha a vida interiorana e humilde de Maria José, que é constantemente interrompida por sua mãe quando está tentando aprender a escrever seu nome e colocada para fazer serviços domésticos. Mesmo diante de um contexto em que o aprendizado básico é visto como inútil, Maria repassa os mesmos ensinamentos a sua filha.

Talvez aqui tenha nascido a insatisfação de Vitória com o que poderia ser o seu futuro. Daqui também surgiam os primeiros indícios das consequências que a ausência familiar causou em sua trajetória. Ela estava disposta a não aceitar que teria o mesmo destino das gerações anteriores a sua, e principalmente, não deixaria que as pessoas tentassem desanimar seus planos. Mesmo não tendo em quem se espelhar, acreditava que seria seu próprio exemplo.

“Na minha família até tinha um pessoal formado né? O pessoal com boa condição financeira mas que eu nunca tive muito contato. Na minha cabeça eu seria o exemplo porque eu ia conseguir. Eu morava só com a minha mãe e para ela o povo não tinha que estudar e se formar, tinha só que trabalhar quando terminasse pelo menos o ensino médio. Então eu corri atrás para poder fazer alguma coisa, eu não queria o básico.”

Sob o olhar desse relato, é possível resgatar o termo *transgeracionalidade* para explicar essa camada da história de Vitória, definido pela psicóloga da área clínica e organizacional Daniele Verissimo como o que é passado de cultura, traços, comportamentos, traumas, crenças, etc, para as futuras gerações. Assim como Maria José, a influência da visão de mundo da mãe de Barreto rondou sua vida até sua fase adulta e sob esse paralelo com a animação, a psicóloga explica se tratar de uma situação de maternidades que abrem ou não possibilidades para o futuro:

“Quando você é mãe, que é uma experiência muito única, a maternidade sempre socialmente é vista com uma marca de renúncia. Se você é mãe, precisa abrir mão. Quando tem alguém que garante: ‘Olha, você não necessariamente precisa abrir mão, vai ficar mais difícil, mas conte comigo’, esse é um divisor de águas gigante para a carreira de uma mulher.”

No caso de Vitória, esse apoio nunca existiu.

Em conversa, Daniele acrescenta dizendo que essa visão da supervalorização do trabalho vem de pessoas para as quais a educação foi inserida de forma banal, principalmente em situações vulneráveis onde o ensino fundamental ou médio é o auge da educação. O resultado é a marginalização da trajetória acadêmica. “Nesses casos existe essa ideia de como a educação é algo banalizada e o trabalho é algo superestimado. Você precisa ser funcional na questão laboral da coisa, sabe? E algo mais braçal, digamos assim. Então, se você tá só estudando, as pessoas não te admiram. Agora se digamos que você passa o dia levando o desaforo de pacientes, de clientes numa fila do supermercado, nossa, você é tão batalhadora”, discorre.

Foi com a chegada do ensino médio e o incentivo da escola que a vontade de ingressar no ensino superior cresceu em Barreto. A aluna da rede pública de Fortaleza era uma típica adolescente que gostava de se enturmar com os colegas e também confessa gostar muito de conversar e brincar durante seu tempo na sala de aula, por isso alguns professores e até colegas de turma duvidavam de sua capacidade. Nada disso abalava a jovem, que sempre soube o quão inteligente era. Muitas vezes não precisava de longas horas de estudo ou de muito esforço com algumas disciplinas. Quem a conhecia de perto e a via desempenhar na prática seus conhecimentos, não se surpreendia.

“
Eu sempre fui boa, então eu fazia o básico, só que eu conversava demais, né? Mas o tanto que eu falava, eu estudava mais ainda. Eu estudava na proporção que eu conversava. Eu estudava bem mais na escola, mas foi o suficiente pra eu conseguir tirar uma boa nota [no ENEM].
 ”

Sua assiduidade e sua participação em programas da Prefeitura de Fortaleza que visava o preparatório de alunos para essa fase, como a Academia Enem, fizeram a diferença na sua passagem pelo ensino médio. Vitória também percebeu sua grande afinidade com as ciências exatas e naturais, o que influenciaria diretamente sua escolha de curso na universidade. Nesse mesmo período, despertou-se o primeiro interesse profissional: a perícia. Barreto passou a pesquisar sobre a profissão, quais as atribuições e funções do cargo, salário... Brotava em seu coração um sonho. A passagem da criança que não idealizava profissão alguma para o amadurecimento da jovem, que passou a se enxergar no mundo profissional e a vislumbrar uma perspectiva de vida, marca muito bem sua evolução pessoal e o final da sua adolescência. Ainda sim, isso não impediu que o mundo do trabalho não entrasse em sua vida de forma precoce. Paralelo a esse período, a garota começava a trabalhar como manicure e acumulava experiência na área atendendo clientes da vizinhança e até mesmo suas amigas da escola.

Barreto está incluída entre os chamados “jovens ocupados”, que representam aqueles que trabalham e estudam ao mesmo tempo. Mas também faz parte da porcentagem de jovens que estão em trabalhos informais, sem carteira assinada ou vínculo trabalhista. Em última pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) em 2022, 62,32% dos cearenses nessa faixa etária estão trabalhando informalmente. Estudo e trabalho lado a lado, e a expectativa externa do que viriam a ser os anos após concluir o ensino básico, mantinham Barreto com certa ansiedade. Assim como todo iniciante na vida adulta, o futuro a assustava, por conta da frustração de seus planos não darem certo. Mesmo após re-

alizer o Exame Nacional do Ensino Médio e o vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE), a sensação de fracasso tomou conta. Os desafiadores processos seletivos a fizeram desanimar, acreditando que talvez aquele não fosse o momento.

O ano de 2017 chegava ao fim, e com ele os resultados dos vestibulares do Estado. O ingresso ao ensino superior estava cada vez mais perto e com ele, a decisão: entrar para o curso de Química. O caminho para ser perita criminal estava traçado. Mesmo com dúvidas e com o sentimento de provar para si mesma, o fim desse processo chegou de maneira positiva. Então, no ano seguinte, Vitória pôde comemorar sua aprovação em ambos os vestibulares, escolhendo cursar o bacharelado em Química na Universidade Federal do Ceará (UFC), ocupando uma das 20 vagas que concorria. Depois de todos os trâmites, as aulas se iniciaram e um novo mundo foi apresentado à jovem. Novas pessoas, novas possibilidades e novos desafios. A nova rotina de estudos integral era muito exigente e difícil, pois mesmo tendo conhecimento prévio, Barreto percebeu que o conteúdo era muito mais avançado do que ela tinha aprendido na escola. Isso mudou um pouco a perspectiva que a recém universitária tinha e também revelava a diferença entre alunos de sua turma, onde aqueles que estudavam em escolas privadas já tinham acesso ao que estava sendo discutido nas aulas da graduação desde o ensino fundamental. O nível era alto e para acompanhar era preciso estudar além das aulas.

Entre tentar se habituar a esse novo universo e a tentativa de se manter dentro da graduação, o ingresso de Barreto a universidade despertou o desdém de algumas pessoas ao seu redor. Mesmo tendo conseguido, seu potencial era posto em dúvida por pessoas que atribuíam seu sucesso à sorte. Além disso, a ausência de suporte emocional da sua mãe a incomodava, trazendo um sentimento de indiferença. A maior ajuda da chefe de casa foi com o dinheiro para as passagens que garantiriam pelo menos a locomoção até a faculdade. Barreto lembra disso tudo a partir da decisão de fazer o vestibular novamente no mesmo ano de sua aprovação:

VITÓRIA BARRETO: Fiz de novo para provar que não tinha sido sorte, né? Que eu era boa mesmo.

GERDYANA: Provar para quem? Para si mesmo ou alguém da família...?

VITÓRIA BARRETO: Para todo mundo, o pessoal falava “foi sorte” porque eu conversava demais, mas não era, eu sou boa! Fui lá e fiz de novo. Acho que foram 20 vagas de novo E eu passei na 15ª nessa segunda vez.

Tentar nunca foi um problema para Barreto. Sua passagem pelo curso de Química durou 8 semestres e mesmo com algumas reprovações, insistiu em continuar. Sentir-se capaz a motivava. Mas a mulher que provou ser boa no que faz sem nenhuma pretensão agora se via no seu maior desafio: administrar a vida pessoal e a vida acadêmica. O ano de 2020 trouxe consigo uma pandemia que, por alguns anos, mudou todas as esferas da sociedade, incluindo a da educação. Foi nesse período, no qual as aulas aconteciam no mundo virtual, que a vida de Vitória tomou outra guinada. Nascia Ayla, que trouxe uma nova luz e muita alegria. Cuidar de sua filha se tornou sua principal obrigação, principalmente nos primeiros meses de vida. A não obrigatoriedade de estar presente no campus facilitou com que isso acontecesse durante o período das aulas, até o momento em que o *lockdown*² deixa de estar em vigor. Com muito esforço, Barreto se manteve estudando o que podia, mas a volta do presencial trouxe insegurança de não ter como conciliar sua função de mãe e de aluna.

A volta das aulas presenciais trouxe um grande dilema, pois era difícil deixar sua filha em casa. Ainda morando com a mãe, que não se mostrava

²Lockdown (confinamento em português), segundo o G1, é a medida mais radical adotada por governos em caso de distanciamento social. Durante este confinamento, o fechamento de vias, deslocamentos e atividades não essenciais são proibidos e a recomendação é que a população fique em casa. O lockdown foi usado durante a pandemia de Covid-19 em todo o mundo para evitar o contágio do coronavírus e foi acompanhado da quarentena (determinação oficial de isolamento).

muito flexível em tomar conta da criança, também recorreu à sua sogra. Ambas aceitaram alguns dias, mas não estavam dispostas a ajudar sempre. Com isso, após 15 dias na tentativa de fazer com que tudo desse certo, Barreto decide abandonar sua graduação.

Ao ser perguntada sobre o real motivo da sua evasão, ela cita a necessidade do cuidado e sustento de sua filha, mas principalmente a constante falta de uma rede de apoio em relação à sua educação, que foi recorrente durante toda sua vida. A importância que Barreto dava para sua graduação não era a mesma que sua mãe atribuía e isso alimentou ainda mais sua decisão de abandonar o curso.

“A gente passou um tempo afastado [das aulas], aí para voltar eu não tive apoio porque não tinha quem ficasse com a minha filha, então não tem como eu continuar. Na verdade ainda fui duas semanas, aí eu disse: “Não, isso aqui não vai dar certo”. Aí eu não fui mais. Eu abandonei.”

Falar de ensino superior é falar sobre sonhos e quando se trata de rede de apoio, esse sonho se torna coletivo. O papel da família durante o processo da graduação se constroi diariamente desde o resultado até a formatura. Seja preparar um lanche, a conseguir o dinheiro da passagem, fazer um silêncio para a gente conseguir estudar, deixar na parada de ônibus, a necessidade desse coletivo faz toda a diferença — muitas vezes é possível identificar o aluno que é apoiado e o que não é a partir desses gestos. “Existe um cansaço, até a forma como ele lida, a forma de enfrentamento dos desafios é diferente. E aí quando, por ventura, acontece uma gravidez ou até o trabalho, esse papel da família, ele é muito importante, porque nós percebemos que muitas vezes nós não conseguimos dar conta de tudo isso sozinhos. Então, a família está ali nos bastidores, digamos assim”, afirma Daniele.

Já no campo emocional, a experiência de Vitória revela alguns pontos importantes, principalmente no que diz respeito aos efeitos da falta de uma rede de apoio familiar. A principal delas é a falta de autoestima e a dúvida de suas capacidades. A culpa por não ter conseguido, mesmo tendo feito o que podia, acaba mexendo com o psicológico e fazendo com que o indivíduo se desmereça em relação a suas conquistas e realizações e até mesmo como ser humano. A partir da sua experiência atendendo casos similares ao de Barreto, Daniele expõe que perguntas como “será que eu não tive capacidade de estar ali?” surgem de forma comum, alterando também a imagem de autoeficácia, que é o potencial que se enxerga em si mesmo.

“A gente até precisa conscientizar para não invalidar o merecimento de outra pessoa. Essa pessoa consegue fazer um curso técnico, uma faculdade, mas às vezes é o que ela consegue fazer dentro da realidade dela, não necessariamente diz sobre o potencial que ela tem. A autoestima intelectual, acadêmica, também é importante. Eu percebo que mães que conseguem ser mães sem deixar o lado pessoal delas, os estudos e trabalho de lado, elas conseguem ter um nível de saúde mental mais linear. A gente não vai dizer 100% saudável porque isso é impossível, mas elas conseguem lidar com tudo de uma forma muito melhor”, acrescenta a profissional.

A princípio, a decisão de abandonar foi extremamente racional, mas com o tempo foi revelando ainda mais a carência da figura materna na vida de Vitória. *“Na maioria dos casos, as mães abandonam. Abandonam porque agora o dinheiro é direcionado para uma criança, o tempo é direcionado para uma criança também, e a família muitas vezes pensa: ‘Agora você tem um filho, essa é a sua prioridade’”, explica Daniele.*

Além de toda a novidade da gestação, muitas mulheres passam por esse momento enxergando a maternidade como uma punição social, um aspecto pouco debatido sobre o qual a psicóloga também comentou. *“Já que foi você quem escolheu ser mãe, eu quero que você sinta como é difícil. Você escolheu ser mãe, agora veja como é difícil.”*

A sempre decidida Barreto não costuma olhar para trás e garante que

foi a melhor decisão para o momento. Ainda sim, é difícil não imaginar o que teria sido diferente se tivesse obtido a ajuda necessária para continuar na sua tão batalhada graduação. Hoje, sendo mãe, traça o paralelo entre sua história passada e o seu papel na vida de Ayla, manifestando a vontade de fazer diferente. O valor da educação e a importância do ensino superior vai ser repassada com a devida seriedade, quebrando esse ciclo de negligência.

“Quero incentivar minha filha porque para mim, querendo ou não, uma das coisas mais importantes que a gente tem que ter na vida é o estudo, porque o conhecimento você adquire e ninguém tira ele de você e eu acho isso importante. Aí vai depender do lado dela, tipo, eu não vou estar pressionando pra saber o que ela quer ser, eu vou deixar ela ir conhecendo o mundo e conforme ela for crescendo, vou incentivar ela a ter só o hábito de estudar mesmo, porque é importante. Mas isso nem precisa muito porque ela já gosta. Porque querendo ou não, ela só tem a mim e eu só tenho a ela. Então, se dentro de casa, eu como mãe, não for o incentivo maior dela, a rede de apoio, aquele ponto de confiança que ela vai correr quando tiver alguma coisa ruim, então, para mim eu não vou ser nada. É isso que eu tento manter, ser esse ponto de apoio para ela, de incentivo em questão da educação, dos princípios e tudo mais.”

Vitória transformou sua experiência dolorosa em aprendizado e segue com novos planos, agora empreendendo e construindo um espaço para sustentar sua filha. Como lembra Daniele: *“A maternidade, quando tem alguém que garante: ‘Olha, você não necessariamente precisa abrir mão, vai ficar mais difícil, mas conte comigo’, esse é um divisor de águas gigante.”*

Vitória não teve quem dissesse isso para ela. Mas, hoje, ela diz isso para a sua filha.

Quando uma etapa da vida parece acabar, outros caminhos vão surgindo. Durante toda sua passagem pelo ensino superior, Barreto continuou trabalhando como manicure e foi ganhando um apreço pela função. Agora morando sozinha, pôde montar seu próprio espaço para trabalhar e de repente, o sonho de ser perita pareceu distante. Unindo a necessidade de se manter e dar uma boa vida para sua filha junto com as habilidades desenvolvidas na profissão desde o final da sua adolescência, o amor pela área da estética cresceu. A perícia deu lugar ao empreendedorismo, e assim nasce o Vitória Barreto Beauty Studio.

A fase adulta a fez enxergar o quanto ela teve que lidar com muitas questões ao mesmo tempo e como foi difícil administrar tudo isso muitas vezes sozinha. Atualmente, com uma mentalidade melhor e com o amadurecimento que a fase adulta trouxe, Vitória pondera voltar para a universidade, agora para desenvolver ainda mais seus conhecimentos em estética. No entanto, sabe que essa volta precisa ser no momento exato devido a falta de apoio do genitor de sua filha, de seus familiares e da própria instituição.

A psicóloga comenta que o ambiente acadêmico, apesar de parecer tranquilo para receber mães, não funciona assim na realidade, tornando um retorno como o almejado por Vitória mais difícil: *“uma vez que você fica um período em casa, e precisa trancar, é muito difícil esse retorno, porque muda completamente a vida de alguém. O desafio maior é retornar, conseguir se adaptar e perceber que o ambiente universitário não tem essa acessibilidade para as mães.”*

Complementa a psicóloga que, assim como Vitória, também engravidou durante seu período universitário, mas que diferentemente, conseguiu retornar às salas de aula: *“Até para trocar um bebê, você tem que improvisar algo. Se você entra na sala às vezes o professor te olha meio torto porque aquele bebê tá balbuciando, fazendo um chorinho. Às vezes você*

precisa atender uma ligação porque a criança está doente. E aí, muitas vezes, o apoio vem dos colegas. Os colegas costumam ajudar bastante, mas a própria universidade, às vezes, ela não tem esse suporte para as mães que estudam. Então, isso é um desafio. Além disso, também tem as próprias crenças que nós temos, os questionamentos se a gente vai conseguir finalizar, se vale a pena, os receios... São dificuldades mentais mesmo. Como a maternidade é algo cansativo, obviamente, às vezes tem uma dificuldade de se concentrar.”

Não sendo diferente, a vontade de Vitória é de conquistar seu ensino superior, mas dessa vez não para provar algo para as pessoas ao seu redor — até porque seu esforço e dedicação sempre levou onde ela queria chegar — e sim para manter viva a Barreto sonhadora. Além de ser seu próprio exemplo, ser o exemplo de garra e persistência para a sua pequena.

A graduação de Química foi seu pontapé e agora não faz o mesmo sentido de antes, mas trouxe pessoas que ainda fazem parte de sua vida, assim como também boas experiências e memórias que ficarão para sempre. A lembrança das risadas, dos almoços juntos na cantina do curso, das comemorações de aniversário e dos jogos de baralho nos intervalos concentram um carinho expressado por Barreto na nostalgia e nas risadas ao lembrar de tudo ■

A coragem de recomeçar



"Eu tenho um histórico de desistências de curso, viu? Passei uns 10 anos na universidade e nunca me formei, só mudando de curso, saindo, entrando." A frase de Eduardo Lucas Silva de Oliveira, 29 anos, carrega muito mais do que números. Carrega processos, expectativas, frustrações e, sobretudo, uma busca constante por se sentir, de fato, pertencente a algum lugar, a algum caminho que fizesse sentido.

Eduardo sempre teve o apoio dos pais, Lêda e Denis, que fizeram de tudo para que ele e seu irmão, Gustavo, estudassem em uma das melhores escolas particulares do bairro onde nasceram e se criaram. O Colégio Lucê, localizado no bairro Jóquei Clube, sempre incentivou seus alunos a um bom rendimento para alcançarem o ensino superior. Várias semanas

de avaliações, trabalhos dirigidos, aulas, projetos. Tudo isso criava uma pressão nos alunos.

No entanto, essa pressão para ele passava despercebida pelo apoio e incentivo que os pais sempre deram. O estudo era indispensável, mas ele deveria estar feliz e realizado no curso que escolhesse, não importando se durante o caminho teria que recalcular a rota.

A trajetória dele começa, como tantas outras, no desejo que surgiu ainda no ensino médio. Apaixonado por matemática e física, Eduardo tinha a convicção de que queria engenharia. *“Quando eu estava no ensino médio, eu queria muito fazer alguma engenharia. Eu gostava muito de matemática, de física, de tudo que envolvia cálculo, assim, era muito bom”*. Além da sua paixão, a área era a que todos diziam ser a mais sucedida, com mais oportunidades de emprego. A Engenharia de Energias Renováveis era o objetivo, mas a nota do Enem não foi suficiente. A solução foi buscar uma alternativa dentro da própria Universidade Federal do Ceará (UFC).

“Aí eu pensei: ‘Não, eu vou entrar, vou tentar para a Engenharia de Pesca e lá dentro da UFC eu faço alguma prova interna para mudar de curso.” E assim, em 2013, começou sua primeira graduação. Mas logo percebeu que o plano não era tão simples quanto parecia. *“Eu acabei não gostando do curso de Pesca, então já não tinha nem como eu permanecer nesse curso, porque um ano depois eu fui tentar fazer a prova interna e aí acabei não passando, não consegui”*. A mudança interna de curso era muito mais concorrida e difícil do que ele imaginava.

Para a psicóloga Roberta Cavalcante, especialista em orientação profissional e transição de carreira, muitos casos como o de Eduardo acontecem porque estudantes chegam à universidade sem ter passado por uma verdadeira escolha. Escolhem um curso superior motivados por interesses momentâneos, influências externas ou uma visão romantizada da profissão. Segundo ela, é comum que a decisão seja tomada de forma apressada, sem amadurecimento emocional nem real compreensão sobre o que envolve aquela carreira.

“A gente vive no mundo que nos ajuda e nos fomenta muito isso, a escolher de uma forma muito imatura, por conta mesmo da pressa, do imediatismo. Eu acho que os jovens estão imersos no mundo, em que se exige dele um imediatismo, uma urgência, né? Você vê que ninguém quer perder tempo”. A psicóloga ainda acredita que há um equívoco cultural muito enraizado: a crença que a escolha profissional precisa ser definitiva e precoce, e que o modelo de ensino brasileiro está diretamente relacionado a esse aspecto.

“**É um ensino conteudista. Não é focado na pessoa que escolhe, é focado nos conteúdos, é focado para passar na universidade, para passar no Enem. Então, eu penso que ele contribui para isso. No momento em que ele não se dá conta do quão jovem ele está ainda no processo de amadurecimento. No terceiro ano, se eu disser que eu não sei o que é que eu quero, todo mundo vai dizer assim: ‘Como é que você não sabe o que é que você quer?’ E como é que a gente precisa dizer que a gente sabe o que é que a gente quer com 17, 18 anos de idade, sem vivência, sem experiência? O que é que elas [escolas] querem? Número. Elas não estão muito preocupadas se o aluno está se identificando ou não com aquela profissão, nem como o aluno está escolhendo. Ela está preocupada com o retorno que esse aluno vai dar para ela. Tanto é que a gente tem muitas escolas que pegam lá os alunos melhores, né? Seja de escola particular, de escola pública, e vai investir nesses meninos e bota nessas turmas de medicina, de direito, as turmas ditas especiais.**”

Durante esse tempo na Engenharia de Pesca, surgiu um novo interesse: a biologia marinha. As disciplinas e os contatos com o pessoal do Labomar despertaram nele uma paixão inesperada. *“Eu acabei gostando*

de biologia marinha e aí fiz o Enem de novo e fui para o oceano, porque eu acabei gostando do curso de Oceanografia.” Foi sua primeira grande mudança, a primeira desistência — e, naquele momento, parecia a decisão mais acertada. Entrava em um novo curso com a vantagem de aproveitamento de várias disciplinas.

“**Na Oceanografia foi uma maravilha. Foram dois anos maravilhosos, estudando todas as áreas do curso, me admirando com tudo, com o pessoal, com o Labomar, né? Com o campus, que é na praia, enfim. Tava me sentindo muito bem.**”

Para Eduardo, ali era exatamente onde queria estar. Era o equilíbrio perfeito da vida acadêmica: conhecimento e diversão. “*Me marcava muito as aulas de campo, eram muito boas, porque a gente aprendia mesmo, era onde a gente aprendia tudo que a gente via na teoria e aí a gente também se divertia muito, porque a gente saía para beber, para zoar, aproveitar que estava em Canoa Quebrada. A gente tinha muita aula de campo pro litoral, então eu conheci muitos litorais, muitas praias pelo curso. Foi uma coisa que eu achei muito massa também, porque se eu não tivesse nesse curso, eu nunca teria conhecido Alagoas, eu nunca teria ido para Jericoacoara, assim, de primeira, porque eu não tinha condição. Além disso, eu fazia parte de um grupo de estudo que era formado por gente de vários cursos da área ambiental, do Oceano [do curso de Oceanografia], da Pesca [do curso de Engenharia de Pesca], da Biologia. E aí a gente acabava também que tinha muita aula de campo nesse grupo de estudo. A gente ia, fazia aula de campo, a gente aproveitava para fazer coletas também. Muita gente que trabalhava no laboratório ia para fazer coleta e fazer pesquisa e no final apresentávamos vários trabalhos nos Encontros Universitários, então a gente se divertia muito e também gerava muito conhecimento. Foi a parte mais massa de todo meu legado na UFC.*”

Mas, assim como na Pesca, a realidade foi se impondo aos poucos. “*Eu comecei a perceber que o mercado de trabalho da Oceanografia, pela minha visão de estudante, era escasso aqui em Fortaleza, no Ceará.*”. Eduardo percebeu que, para viver da Oceanografia, teria que escolher entre ser pesquisador e ficar dentro dos laboratórios da própria universidade, ou se mudar para outros estados do Sudeste, como Rio de Janeiro ou São Paulo, para trabalhar em empresas, em navios.

Isso foi um baque para o discente, que durante o curso amava a metodologia das aulas. Praia, pesquisas, aula de campo. “*Uma rotina leve*”, como o mesmo comenta.

Eduardo relata ainda que havia pouco estímulo da Universidade, da coordenação e dos professores sobre o mercado de trabalho. Pouco foram os convidados em aulas que mostraram que esse mercado estava para além de laboratórios. “*Faltou muito [apoio], sabia? Pelo menos no Labomar eu não via os professores assim incentivando a gente a permanecer. Eles faziam pesquisas, queriam saber quantas pessoas estavam evadindo, queriam entender o que estava acontecendo, mas no final não aplicavam em nada, não faziam nada para a gente ficar lá. No Labomar tem muita gente que se forma e já fica por lá trabalhando como pesquisador. Vai para o mestrado, doutorado e vira professor. E eu não queria isso. Então, de vez em quando eles chamavam alguém que trabalhava em navio, que trabalhava em empresas, que eram oceanógrafos mesmo e aí a gente achava massa. Mas era uma vez na vida. Entendeu? A gente ficava distante do mercado de trabalho, de saber como era o mercado de trabalho.*”

A psicóloga Roberta comenta que esse é um choque recorrente: “*As pessoas têm escolhido muita profissão olhando para o mercado de trabalho aqui agora. Esquecem que o mercado muda, esquecem que nós vivemos num país em que as crises existem e que a gente precisa se preparar para essas crises, se reinventar profissionalmente. Então, o mercado de trabalho ele é importante? É, mas se você levar em conta só o mercado de trabalho para sua escolha da profissão, pode ser uma furada. E nem sempre aquilo que parece é. Então às vezes eu tenho uma expectativa frente*

a uma profissão que ela é muito mais ideal do que real, né? Tipo, vamos lá, 'eu vou fazer Medicina porque eu vou ganhar dinheiro.' Quem diz? Baseado em que você diz isso? Então às vezes eu vou fazer Direito e eu vou entrar no concurso público. Será que é concurso público que você quer? A gente vive num mundo em que num país de muita mudança, de muitas crises, né? Isso vai acontecer e nós também nos modificamos."

Relembrando sobre a sua época de estudante da UFC, a psicóloga reflete que esse fator não está somente sob a responsabilidade do discente, mas também da universidade.

Frustração é uma coisa difícil do jovem lidar, né? Hoje em dia mais ainda, porém a gente precisa entender e compreender que a gente não vai ter nenhum curso, nenhuma formação e nenhuma profissão perfeita. O que a gente precisa entender nesse processo é, o que me fez buscar este curso, quais são os meus interesses, aí entra uma coisa que as universidades não fazem, que é um planejamento de carreira. O que é que tá me chamando atenção? O que é que tem nesse curso? O que é que tem nessa profissão? Olhar para o mercado de trabalho, ter contato com profissionais para que você possa se apropriar aos poucos de quais são as áreas que você tem interesse dentro do teu curso. E dentro dos teus motivos, o que é que você quer? Ganhar dinheiro? O que é que você quer? Ter reconhecimento? O que que você quer? Ser um bom profissional? O que é que você quer? E como você pode se planejar para você se inserir nesse mercado de trabalho? É aqui em Fortaleza? Tem uma área que é mais forte em outro local? Então acho que isso exige que você tenha contato com o mundo externo, com as pessoas que trabalham na área, não só na universidade.

Nesse mesmo período, buscava emprego e surgiu uma seleção pública de contrato temporário para trabalhar no Metrofor. *"Quando eu passei e eu já comecei a trabalhar em 2017, eu vi que não dava pra estudar e trabalhar, porque o curso era integral e o meu trabalho, mesmo que eu pudesse trabalhar à noite, ia ficar muito puxado pra mim. Aí eu acabei abandonando o curso de Oceanografia."*

Só que, mesmo ao abandonar, Eduardo não deixou de procurar outros caminhos. *"Eu fiz de novo o Enem e fui pra outro curso noturno. Fui pra Economia."* Na sua cabeça, a Economia parecia um caminho viável. O turno noturno permitiria conciliar trabalho e estudo, mas a experiência não foi nada do que esperava.

Na Economia, eu só passei um semestre, porque eu acabei não gostando do curso também. Eu não me dei com o curso, não gostei da galera. Foi o terceiro curso. Aí eu não gostei, não gostei de nada, não gostei do campus, não gostei do pessoal, não gostei das disciplinas, o assunto era muito, muito difícil. Era muita teoria e muita discussão assim que eu não estava aguentando.

O incômodo ia além da dificuldade com o conteúdo. *"Foi quando eu vi mesmo debate político assim na universidade, eu 'nossa, eu não vou aguentar isso'. Tipo, na Oceanografia todo mundo pensava igual, todo mundo tinha o mesmo pensamento político, ambiental. Quando eu entrei na economia a sala era totalmente dividida, era um povo de direita, de esquerda, uma loucura. Não aguentei. Passei só um semestre e abandonei de novo o curso."*

Eduardo fez o que considerava melhor para ele. Refletindo sobre isso, Roberta afirma que o ambiente e as pessoas precisam ser levados em conta, pois ali é um reflexo do seu ambiente de trabalho futuramente. *"O ambiente sim [interfere], tanto é que é um dos critérios que a gente utiliza no*

processo de escolha profissional é fazer com que eles parem para pensar que ambientes eles se sentiriam bem trabalhando. Trabalhando, não é lazer.”

Dessa vez, abandonou por completo. Sem faculdade, mergulhou no trabalho e em outras paixões. Se voltou para o cinema, fotografia e fez cursos no Porto Iracema das Artes, nos Cucas e na Casa Amarela. “Eu fiquei sem estudar na universidade, tá? Mas eu acabava estudando coisas assim básicas, cursos básicos. Eu acabei conhecendo muita gente dessa área. E aí acabei fazendo um filme também, a gente fez curtas metragens e tudo.”

Mas a Oceanografia, surpreendentemente, não havia sido encerrada de vez. Um tempo depois, Eduardo voltou. “Acho que foi em 2019, eu voltei pra Oceanografia para concluir o curso, porque só faltava um ano.”

Mais uma aprovação no Enem.

Conseguiu aproveitar todas as disciplinas já cursadas. A ideia era, finalmente, concluir a graduação. Já voltou à Universidade indo ao seu orientador, pronto para começar o TCC. Só que Eduardo não contava com uma pandemia, foi um novo baque para ele. O discente ainda assim foi estimulado por seu professor orientador: *‘Vamos fazer o TCC de casa que dá certo, a gente faz uma pesquisa sistemática, faz alguma coisa bem assim, na área de gestão costeira, que é a sua área.’*

Ainda não era o momento de se formar. “Quando começou a pandemia, eu não tive cabeça pra isso, abandonei de novo.”

EDUARDO: Olha, eu não vou aguentar.

EDUARDO: Não vai dar. Não vai dar, vou deixar pra passar isso tudo e aí talvez eu volte.

ORIENTADOR: Você quer continuar do jeito que tá?

Eduardo nunca mais voltou. A Oceanografia, o Labomar e a UFC cederam espaço para o trabalho. Se desistir parecia, para alguns, um ato de fraqueza, para Eduardo foi sempre uma escolha consciente.

“**Para abandonar eu não tinha medo de nada, eu não tinha receio de nada. Até do que as pessoas falavam, tipo, ‘não, não, abandona’, eu tava nem aí, eu ia e saía mesmo. Era o que estava dando vontade de fazer e eu me sentia feliz com essas escolhas. Eu me senti feliz todas as vezes que eu saí do curso, que eu saí trocando de curso. Eu não me arrependi do que eu fiz. Eu fico pensando, nunca é tarde para estudar. Eu estou com 30 anos, estou me formando agora, mas tipo, eu estou muito satisfeito com a minha carreira acadêmica.**”

O que poderia ser visto como fracasso, na verdade é um verdadeiro ato de coragem. Três cursos, quatro abandonos, e uma bagagem de aprendizados. *“De certa forma a gente não pode dizer que foi perda de tempo, não, porque eu acho que a gente tem os ganhos, né? Dessa vivência, dessa experiência. Até o amadurecimento de dizer assim: “ ‘Eu não quero fazer mais isso por mim.’ Então, eu vejo assim, algumas pessoas pegam isso como trampolim mesmo”, considera a psicóloga.*

Curiosamente, sua jornada acabou servindo de exemplo dentro da própria família. “Quando eu e meu irmão, administrador formado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), entramos na universidade, muita gente da minha família entrou também. Então, meu pai entrou e meus tios... teve dois tios meus também que entraram e se formaram, entendeu?”

Depois de um período dedicado ao trabalho e à experimentação de outros interesses — como cinema, fotografia e design — em 2023 Eduardo tomou uma decisão diferente. Escolheu fazer Marketing na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em um curso na modalidade de educação à distân-

cia (EaD), que dialogava diretamente com sua experiência profissional no setor de negócios do Metrofor e, principalmente, que se encaixava na sua vida. “Eu tinha um pé atrás com o curso EaD, achava que não ia aprender nada. Mas esses cursos da UNIFOR, pelo menos o meu de marketing, ele é EaD, mas ele é muito voltado para extensão. Então, todo semestre a gente tinha um trabalho e você tinha que trabalhar com uma empresa, tinha que envolver uma empresa, tinha que falar com pessoas, tinha que se comunicar, tinha que estar no mercado, entendeu? Então, foi muito bom por isso.”

Foi no marketing que Eduardo encontrou, finalmente, um caminho que fazia totalmente sentido. E, mais do que isso, abriu outra porta: a do design, especialmente na área de UX Design³. “Durante esse curso que eu terminei agora de marketing, eu também já fui me especializando em UX Design. Foi uma área que eu conheci recentemente... E aí é isso que eu quero, quero me voltar para uma coisa que eu já gosto, porque durante todo esse período na universidade, eu também gostava muito de design. Eu gosto de muita coisa, eu gosto de cinema, design, gosto de matemática, enfim.”

A vida se estende como um rio — e ninguém atravessa um rio tão longo levando só certezas e um único sabor do mundo. Roberta reflete: “Hoje eu vejo que também não necessariamente a gente nasceu só para uma coisa. Às vezes a gente escolhe um curso e lá na frente, a gente vai perceber que tem outras coisas que nos chamam atenção. E qual é o problema? Às vezes eu trabalhar em mais de uma coisa ou eu mudar, não necessariamente a mudança é porque eu não me identifiquei. Às vezes eu quero complementar no meu primeiro curso ou na primeira profissão, fazendo uma outra profissão.”

Hoje, Eduardo não só se formou como quer continuar estudando. “Agora eu não quero mesmo parar de estudar. Eu quero continuar estudando. Tipo, ‘me formei, acabou, né?’, não, eu quero continuar estudando

mais ainda, aumentando mais ainda meu currículo.”

Ao olhar para trás, não há arrependimentos. Apenas lições. “Eu diria para fazer isso mesmo, se você tem vontade. Se você não está se sentindo feliz num canto e quer ir para outro, faça isso. Você só vai saber se isso foi bom ou ruim depois que você fizer. Então, foi do mesmo jeito comigo. Eu só vim descobrir que um curso era ruim quando eu tava lá dentro, quando eu tava estudando mesmo, entendeu?” E completa, como quem virou especialista em recomeços: “Nunca é tarde. Nunca é tarde. Então, se a pessoa ficar sem estudar e ficar perambulando por vários cursos, uma hora ela vai se achar.” ■

³ Design de experiência do usuário (UX), é o processo de criar produtos e serviços digitais que sejam úteis, fáceis de usar e agradáveis para as pessoas.

Acesso limitado: uma busca por acessibilidade e inclusão



Alguns ingressos de Paulo Eduardo de Paz da Silva não acontecem pela porta da frente. Não porque não queira, mas porque, muitas vezes, essa porta principal e de fácil acesso simplesmente não está aberta para ele. Aos 45 anos, ele carrega na memória e no corpo as marcas de quem atravessou a universidade pelo caminho mais árduo: aquele que não foi pensado para ele, que não foi adaptado para ele, mas que, ainda assim, ele trilhou.

“Hoje eu quero mostrar para as universidades que é possível ensinar microbiologia a um cego. E quero mostrar para os cegos que é possível aprender”, resume, com a tranquilidade de quem já não precisa mais provar nada a ninguém — exceto, talvez, para si mesmo — a vontade de um

homem que precisou superar desafios e obstáculos todos os dias para se sentir realizado em mais um propósito de sua vida.

Sua voz, em um timbre mais rouco, forte e seguro, é ecoada com pausas breves. Como de alguém que pondera cada palavra lapidando a ideia antes de oferecê-la ao mundo.

Paulo não nasceu deficiente visual, muito menos universitário. Mas sua jornada se tornou sobre aprendizados e ressignificações. Cresceu em Fortaleza, filho de pais semi-analfabetos, mas que, mesmo com todas as limitações, nunca abriram mão de uma certeza: os filhos iriam estudar, chovesse ou fizesse sol. *“Aqui em casa não tinha esse negócio de faltar aula, não. Não tinha negócio de ‘tá chovendo’, ‘tô espirrando’, não!”*

Criado sob uma disciplina rígida de seus pais, que tinham o intuito de criar indivíduos vitoriosos, viu todos os irmãos se formarem e irem além — o mais velho, professor e com mais duas outras graduações; a irmã, com carreira sólida em grandes empresas. *“A gente aprendeu que passar de ano não era mérito, era obrigação”*, relata Paulo recordando um episódio da infância na qual tentou negociar uma bicicleta com seus pais e foi lembrado que compromissos escolares não precisavam ser recompensados.

Ainda na infância, seu sonho era ser militar da Marinha, como alguns primos. Ao revelar para eles, seu sonho foi desmotivado com uma propaganda ruim da área. O trabalho do pai, com mecânica, também o fascinava. Entre motores, cresceu. De forma descontraída, ele fala: *“Meu pai mandou eu estudar medicina e eu entendi oficina”*.

Conseguiu a aprovação para que pudesse ingressar na área militar se tornando fuzileiro naval, mas desistiu. Trabalhando com mecânica de autocombustão e sendo técnico em mecânica pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) acreditava que esse caminho já era o certo. A carreira parecia mais encaminhada: primeiro como auxiliar de mecânico em ferrovias, consertando trens, depois em concessionárias de grandes montadoras.

Nesses consertos, Paulo percebeu que ali não era o seu lugar. Mesmo sendo um bom mecânico, ainda se sentia perdido profissionalmente. *“O meu chefe de departamentos de freios, que na época era meu pior inimigo, foi o cara que me ajudou a encontrar o meu rumo. Ele me fez sair de lá. Ele dizia que eu conversava bem, que eu era bom de papo, bom de caneta”*, relembra. Não demorou para perceber que sua vocação não estava exatamente nos motores, mas na habilidade de se comunicar. Não era um dom óbvio. O seu talento não era somente apertar parafusos, mas existia um ainda maior: fazer pontes, vender ideias. Não importava a área, o seu dom de comunicar o faria ser bem sucedido.

A carreira deslanchou: Chevrolet, Audi, Nissan, Renault, Volkswagen... Paulo deixou sua marca em grandes nomes da indústria automobilística. Liderava equipes, vendia peças, coordenava serviços. Vivia cercado de motores de combustão, mas seu verdadeiro motor era outro: conciliar seu conhecimento da mecânica com a habilidade da comunicação.

Até que o diagnóstico de glaucoma — uma doença que surge a partir do aumento da pressão intraocular e atinge o nervo óptico causando a perda de células da retina — o forçou a encerrar sua carreira mecânica. A visão começou a falhar, os pontos a sumirem do horizonte, até que, aos 32 anos, a cegueira se impôs como um apagão definitivo. A perda da visão não veio sozinha. Arrastou consigo um divórcio, a reconfiguração das relações familiares, o abandono de uma vida inteira construída em torno de uma habilidade que, agora, parecia perdida.

Mas Paulo é um homem de reinvenções. Não se permitiu afundar.

“Me deram uma enxada e uma picareta. O que eu fiz? Fui cavar esse terreno.” E cavou. Construiu sobre ele uma nova existência: voluntário em projetos sociais de inclusão, reabilitação, acessibilidade, educação ambiental, professor de violão para deficientes visuais — com um método adaptado por ele mesmo —, palestrante motivacional e uma referência na luta pela inclusão.

O que era uma novidade negativa, hoje se tornou seu novo normal. “Às vezes eu até esqueço que estou cego”, revela. Seu corpo também precisou se adaptar. Agora são mãos que tocam de maneira mais intensa, ouvidos mais atentos a qualquer onda sonora, mente que o faz ter ideias extraordinárias e pés que a cada passo lhe garantem a segurança de que aquele é o seu caminho, ou ainda que não seja, de que ele conseguirá trilhar um novo.

O ingresso na universidade não estava nos planos. Veio como incentivo. Uma ex-namorada, que sonhava em fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), jogou a pergunta no ar: “Por que você não tenta também?”, ressaltando que o achava muito inteligente e capaz de conseguir uma vaga. Paulo hesitou. Não tinha rotina de estudos, não pegava num caderno há anos. Mas, no último dia, pagou sua inscrição. Foi com o que sabia, com a bagagem que trazia da escola, onde sempre foi “o arteiro, o brincalhão, que só passava arrastado”.

Época dos resultados: 630 pontos. A irmã, que também prestou e que era uma grande referência de estudos, fez um pouco mais: 650. Paulo se sentiu esperançoso e orgulhoso, distante de livros desde o fim do ensino básico, ainda assim conseguiu uma boa pontuação. Escolher o curso foi quase aleatório. Pensou nas áreas que tinha afinidade: Música, História, Engenharia Mecânica ou Educação Física. Viu Ciências Ambientais no Sistema de Seleção Unificada (SISU), estranhou o nome, pesquisou e se apaixonou.

Apesar do entusiasmo para ingressar a jornada rumo a uma nova carreira, Paulo não deixou de ter seus questionamentos. “Eu me senti um pouco constrangido, porque querendo ou não um cego, e já um coroa no meio de um monte de jovens ali. Eu me questioneei se ali era meu lugar mesmo. Para que eu ia fazer isso”, confessa ele sentimentos que teve ao saber que estava prestes a ingressar na UFC.

“

Eu nunca me vi em uma universidade e hoje nas minhas palestras, com o meu conhecimento na área ambiental, eu também dou um pouco de educação, orientação e sugestões ambientais. De forma pedagógica, porque às vezes as pessoas usam termos tão técnicos, e eu busco trazer uma forma que as pessoas entendam.

”

O começo do curso foi marcado por duas travessias simultâneas: a adaptação à vida acadêmica e a pandemia de Covid-19. Ingressou em 2020.1 no curso de bacharelado em Ciências Ambientais no Instituto de Ciências do Mar (Labomar), mas logo as aulas presenciais foram suspensas.

Foi nesse cenário, de câmeras fechadas e vozes distantes, que Paulo entrou na turma da professora Oscarina Viana, doutora em microbiologia, que mais a frente se tornaria um grande alicerce para ele. No entanto, durante semanas, ela sequer sabia que tinha um aluno deficiente visual em sua turma. Uma disciplina totalmente visual e que a mesma prezava pela participação de todos.

Até que em mais uma finalização de conteúdo, a clássica pergunta ecoou: “Está tudo entendido, gente? Há alguma dúvida?”

Um completo silêncio.

Até que uma aluna pediu um momento a sós pós aula:

“Professora, nós temos um colega na turma, que é o Paulo, ele é deficiente visual, ele é cego. Ele está assistindo as suas aulas, ele frequenta, ele escuta as suas aulas, mas como a senhora usa muito recurso...”

A fala da aluna foi um baque.

“
Nesse momento, eu juro para vocês, meu mundo caiu. Tudo que eu tinha como professora assim, caiu. Eu disse assim: ‘Meu Deus, eu tenho mantido um aluno à parte, né? Ele está matriculado na minha disciplina, ele está ali, tem as presenças, mas ele está a parte do conhecimento, ele não está acessando esse conhecimento’. Isso foi muito chocante para mim, eu juro, lembra Oscarina.”

Ao buscar apoio da universidade para adaptar suas aulas, Oscarina se deparou com a burocracia. *“Me disseram que o material só ficaria pronto daqui a quatro meses. Quatro meses! A disciplina já teria acabado, não fazia o menor sentido.”*

O susto inicial logo virou ação. Quando soube que a Secretaria de Acessibilidade da UFC levaria meses para adaptar os materiais, Oscarina decidiu fazer tudo por ela mesma. *“Eu passei a pegar o material todo e gravar no meu celular, fazendo capítulos, áudio capítulos e gravava inclusive dentro do banheiro, porque meu vizinho ouvia música, e o banheiro era melhor pela acústica. Então, eu fui fazendo isso e fui disponibilizando esse material para o Paulo”,* recorda ela.

Apesar de seu esforço, a professora não aceita que esse feito seja visto como ato heroico. *“Não é uma coisa de dizer: ‘Ai, mas como você foi dedicada’. Não, não é isso. Eu me vi com a responsabilidade que eu tenho que é de professora, de estar formando aluno, de dar condição melhor para o aprendizado dele, para formar um profissional na área que ele escolheu, que é de ciências ambientais”.*

Paulo viveu o isolamento não só físico, mas afetivo. Perdeu a irmã para a Covid-19, assumiu os cuidados com a mãe e o sobrinho, que também é seu afilhado. Pegou toda a responsabilidade para si de cuidar de duas pessoas. Uma que carregava a grande dor de perder uma filha, e outra, uma mãe. Tendo que conciliar ainda com a dor de perder uma irmã.

Sentiu-se só, acuado, *“sem saber como agir”*, como descreve. A crise gerou ansiedade, pânico e medo.

Mas, como sempre, ele seguiu.

O auxílio da professora não ficou somente nas gravações. Era chegado o retorno às aulas presenciais. Lá estava Paulo matriculado em mais uma disciplina de Oscarina. Desta vez, biotecnologia ambiental. Disciplina cuja carga horária é, em sua maior parte, de atividades práticas no laboratório.

Apesar de Paulo não poder participar de todos os procedimentos devido aos riscos, a professora fez questão de deixá-lo por dentro de cada etapa que estavam sendo realizadas nas bancadas. Ela sabia que precisava fazer diferente. E fez. Montou modelos táteis, reproduziu placas de Petri⁴ com botões para que Paulo pudesse entender a diferença das colônias bacterianas. Organizou estantes com vidrarias para ele identificar pelo toque. Simulou formatos de bactérias através do crochê.

Enquanto os colegas manipulam reagentes e faziam procedimentos na bancada, Paulo estava ao lado dela, ainda que mais distante dos demais, aprendendo pela escuta, pelo tato, pela presença — uma presença, enfim, real e significativa.

“
Eu criei modelos palpáveis para ele entender o que era um meio de cultura, o que eram as vidrarias. A gente montou lá uma estante para ele tocar e eu explicar qual era cada uma das vidrarias, os meios de cultura que a gente usava, o que era sólido, o que que era líquido, qual a composição, como era que depois faziam a leitura desses testes microbiológicos, explicou a professora.”

⁴ Placas de petri é uma vidraria para laboratório geralmente feita de vidro ou plástico, que é amplamente utilizada em laboratórios para cultivar microrganismos como bactérias, fungos e algas.

Para além das aulas das disciplinas, ainda no início, o discente percebeu: a universidade não estava pronta para ele. Faltavam materiais acessíveis, professores preparados, infraestrutura mínima.

Em busca de mais informações, a Secretaria de Acessibilidade da UFC foi procurada para compreendermos como se dá o suporte aos professores e aos alunos que, assim como Paulo, também precisam de materiais adaptados. No entanto, não houve respostas.

“**Eu cheguei a ouvir absurdos, mas eu, já militante da causa da inclusão, relutei. E eu disse ‘eu quero me formar nisso aqui, pra que abriam a vaga para PCD? Eu passei no processo seletivo legal, fui admitido, atendi a todos os requisitos e agora você vai dizer para mim que não tem condições de me atender?’ Negado, existe uma lei chamada Lei Brasileira de Inclusão (LBI). Eu quero o que é meu por direito: inclusão.**”

Mas as dificuldades não começavam somente dentro do campus. Até chegar lá, o calouro tinha que sobressair à falta de semáforos sonoros e à falta de calçadas adaptadas. Para sair do Labomar, que se localiza na Avenida da Abolição, e chegar ao Restaurante Universitário (RU), na Rua Júlio Ibiapina, o estudante também precisava contar com a boa vontade dos colegas.

Dentro da universidade, o primeiro semestre foi fácil de levar pelo entusiasmo da nova fase. Com o passar dos dias e decorrer dos semestres o recém universitário começou a vivenciar mais problemas e sentir de fato o grande peso deles. Os textos chegavam em arquivos não legíveis, ou se eram legíveis e adaptados chegavam tarde demais para que acompanhasse o cronograma das disciplinas. “*Eu tive que ensinar aos professores a me ensinarem*”, comenta.

Sendo o primeiro aluno com deficiência visual do campus, o discente

avalia que sua experiência com outros professores do curso não foi tão fácil. “*Quase todos ficaram apavorados quando souberam da situação, muitos estavam fazendo só para cumprir tabela por compaixão e ver eu me esforçando, outros só pela obrigação, outros nem pela obrigação, e alguns que realmente gostaram do desafio.*”

Paulo se tornou, então, mais que aluno: virou um construtor de caminhos. E essa construção se intensificou quando procurou a professora Oscarina para orientá-lo no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A proposta: investigar as transformações ambientais do Riacho Papicu, espaço que carrega na sua memória afetiva desde quando era vidente, desde quando via as águas, as pedras, as margens daquele riacho, hoje transformado.

Ao receber o convite, a professora não escondeu suas incertezas. Porém não recuou. Hoje, juntos caminham e desenham o melhor caminho para um trabalho magnífico. Reúnem-se semanalmente, ajustam textos, revisam conceitos, encontram formas de transformar os dados e as análises em algo acessível para ele — e, quem sabe, para tantos outros que virão depois.

Durante todo o seu curso, Paulo teve que recorrer a outras saídas.

Ele aprendeu. Aprendeu a usar o computador adaptado, com ajuda de um colega que o ajudou por telefone. Aprendeu a negociar com professores, a exigir o que era seu por direito. Aprendeu a receber a ajuda de colegas, que foram cruciais no seu rendimento.

Apesar de ter sido ignorado por muitos colegas de turma, que poderiam ter o ajudado a chegar em sua cadeira na sala de aula ou ao menos não terem fingido que ele não existia ali, o discente afirma que outros se tornaram amigos de vida. “*Tem pessoas ali que, se me pedissem um pulmão e um rim, eu não poderia negar.*” Outros, confessa, passaram como figuras decorativas.

Ele foi conquistando seu espaço na universidade. Mesmo que à força. Mesmo que à custa de desgaste emocional.

Apesar de muitas vezes faltar o apoio que precisava, Paulo expressa sua compreensão para essas pessoas que não o ajudaram. *“Eu entendo os que fizeram isso [omitiram ajuda], não digo que fizeram isso por caráter, mas por questão de falta de conhecimento e falta de coragem de tentar. Eles preferiram se omitir, do que achar que iam errar.”*

No meio disso tudo, Oscarina faz um alerta que carrega na voz a força de quem não quer mais aceitar o inaceitável:

“Essas pessoas têm direito a esse acesso. Elas não estão pedindo nada para você. Elas não dependem da sua boa vontade. É isso que tem que ficar claro. A gente tem uma lei de acessibilidade. A gente tem uma lei e ela tem que ser respeitada em todos os seus níveis. Não é só abrir a porta para entrar, e falar: entra, senta aqui, fica calado e não atrapalha os outros. Esse é o recado que não pode ter. Tem que ser: entre, sente aqui, faça barulho.”

A professora ainda complementa: *“Precisamos de uma humanização na questão da acessibilidade. Ela sai do papel, daquelas regras, da lei e ela passa a ser incorporada ao nosso cotidiano. Isso transcende a questão do respeito.”*

O maior obstáculo, ele reconhece, não foi a falta de rampas ou de semáforos adaptados, mas o medo. *“O que mais comprometeu meus estudos foi a parte humana. O medo de fracassar, o medo de não conseguir.”* Por isso, reduziu o ritmo. Fez o curso no seu tempo, cadeira por cadeira. Não por falta de capacidade, mas por prudência, autocuidado. Mesmo assim, pensou que a desistência seria a melhor opção. Cogitou, mas não amadureceu a ideia. Seguiu, como sempre, cavando o terreno, superando os buracos e as ausências estruturais.

Oscarina sabe que o caminho não é fácil, mas a professora não deixou margens para duvidarem do potencial do seu orientando. O ensinou e o capacitou para ser como os demais. Seja nas provas, que Eduardo fazia exatamente as mesmas dos colegas, ou nas palavras duras, que ele teve de receber como estímulo. Durante todo esse percurso, ambos caminham juntos, cada um em seu papel de ensinar e aprender com o outro.

Em tom descontraído a professora brinca que ela e Paulo são o encaixe perfeito: Ela, com seu metro e meio de altura, é o tamanho exato para que ele, um homem de quase 1,90, apoie as mãos em seus ombros, para que juntos possam trilhar esse caminho e que ela consiga o ajudar a abrir portas. Assim como ela o ajudou com as portas de uma escuta ativa, da acessibilidade, do laboratório, dos estágios, da empatia e do cuidado. No fim das contas, prevaleceu a certeza que, ainda que difíceis, Paulo é capaz de alcançar todos seus objetivos.

Hoje, vivendo os últimos semestres na graduação e finalizando seu TCC, vislumbra um novo horizonte que também foi seu apoio para não desistir da formação: o mestrado. Quer pesquisar sobre inclusão de pessoas com deficiência nos laboratórios de meio ambiente. Quer mudar não só o seu destino, mas o de quem virá depois.

Ele não se ilude com finais felizes. Sabe que o caminho da inclusão ainda é longo, cheio de portas fechadas e corredores escuros. *“Veja o que você quer. Persevere. Se demorar 10 anos, não tem problema. O importante é acreditar que pode”*, aconselha com a certeza de que quando não há portas abertas, é possível criar passagens. Não guarda mágoas, mas lições. Não vê sua trajetória como um heroísmo, mas como um testemunho.

Paulo aprendeu a atravessar caminhos difíceis. Mas, ao fazer isso, abriu espaço para que outros, um dia, possam entrar pela porta da frente, com luz, com dignidade e com a certeza de que pertencem àquele lugar ■

Retomar, reformular, permanecer

As histórias contadas carregam marcas profundas — de esforço, dor, desistência, mas também de luta e esperança. Não só de suas próprias histórias, mas de tantas outras parecidas. Mulheres que viram a maternidade interromper o sonho universitário. Jovens empurrados para o mercado de trabalho antes do tempo, forçados a escolher entre estudar ou sobreviver. Estudantes desmotivados diante de cursos nos quais não se reconheciam, desiludidos com o futuro. Alunos com deficiência enfrentando uma universidade ainda despreparada para acolher suas singularidades e em tempo hábil.

Esses rostos formam retratos de represamentos e evasões que não se explicam apenas por números, mas por contextos de vida.

No final do século XX e início do século XXI, o ensino superior brasileiro passou por transformações intensas, de modo mais específico, o ensino público. A democratização do acesso — impulsionada por políticas como

o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), surgido em 1998, o Sistema de Seleção Unificada (SISU), de 2009, o Programa Universidade para Todos (ProUni) de 2005, o Programa de Apoio a Planos de reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), de 2012, e a Lei de Cotas (Lei Federal nº 12.711/2012 — alterou radicalmente o perfil de quem entra na universidade.

Com essas medidas, a universidade pública começou a deixar de ser um espaço predominantemente branco, de classe média e urbana, para receber, cada vez mais, estudantes de escolas públicas, pretos, pardos, indígenas, pessoas com deficiência, oriundos das periferias, do campo e de regiões historicamente excluídas.

Nos últimos 13 anos, a UFC passou por importantes avanços em termos de inclusão e acesso ao ensino superior. A partir de 2013, ano seguinte à criação da Lei de Cotas, a universidade aderiu ao sistema reservando inicialmente 12,5% das vagas para estudantes oriundos de escolas públicas, considerando também critérios socioeconômicos e raciais. Em 2014, esse percentual foi ampliado para 50%. Em 2018, a política de cotas foi estendida para incluir pessoas com deficiência (PCD). Com as atualizações na Lei, a UFC passou a contemplar, a partir de 2024, estudantes quilombolas por meio do Sisu, e, em 2025, incluiu também estudantes provenientes de escolas localizadas em áreas rurais.

Esse avanço foi e é fundamental. Mas junto com ele, vieram novos desafios. A entrada foi facilitada, mas a permanência continuou exigindo esforço individual diante de barreiras estruturais. Afinal, o aluno cotista que ingressa na universidade também é, muitas vezes, o primeiro da família a chegar lá. Carrega expectativas, inseguranças, responsabilidades familiares e, não raro, precisa conciliar o estudo com o trabalho.

A pandemia de COVID-19, a partir de 2020, aprofundou ainda mais essas dificuldades. O ensino remoto emergencial expôs desigualdades no acesso à internet, à tecnologia e ao acompanhamento pedagógico. Muitos alunos desapareceram das telas — e, depois, das matrículas. O país viveu um apa-

ção educacional silencioso, e a evasão deixou de ser um risco para se tornar uma realidade para milhares.

Diante desse cenário, a Universidade Federal do Ceará viu a necessidade de criar, para além dos programas já existentes, mais dois novos projetos. Não apenas pensando na inclusão, mas em como manter seus estudantes. Afinal, o sucesso do ensino superior não se mede apenas por quantos entram, mas por quantos conseguem concluir, e em que condições.

É com essa perspectiva que surgem novas ações dentro da UFC, a partir da Coordenadoria de Planejamento, Informação e Comunicação (COPIC). Hoje a coordenadoria está criando um novo painel indicador que, alimentando os dados da Pró-Reitoria de Graduação e as coordenações dos cursos, propõe um novo olhar sobre os dados acadêmicos. Mais do que acompanhar médias e índices de evasão, a ferramenta quer identificar padrões individuais: quedas de rendimento, ausências, trancamentos recorrentes. O objetivo é atuar preventivamente, antes que o estudante abandone de vez. É uma tecnologia que, quando aliada à sensibilidade humana, pode fazer a diferença.

“É um painel que a gente está montando para poder identificar efetivamente onde esses abandonos estão ocorrendo e em que curso isso mais acontece. Qual o perfil do ingressante, não só em termos de notas, mas vai identificar também os diferentes perfis. A questão dos alunos matriculados, como é que está sendo o processo de matrícula desse aluno? Os alunos cancelados, os egressos, ou seja, aqueles que concluíram, como é que foi a trajetória acadêmica desses alunos? O porquê desse sucesso? E olhar também a questão das disciplinas. Então a ideia é poder identificar em dadas disciplinas quais são os indicadores, que é aprovação, reprovação, reprovação por falta, por nota. Tentar identificar onde está efetivamente o “gargalo” em cada curso. E também olhar para o aluno. Então, você vai poder olhar para cada um, qual é a trajetória dele na universidade. É como se tivesse pegando o seu histórico escolar, olhando para você e olhando para os demais, o histórico escolar de forma geral”, explica Júlio Barros, coordenador da COPIC.

Júlio ainda comenta que por conter dados sensíveis e pessoais de todos os estudantes, esse indicador não poderá ser publicado, ficando disponíveis apenas para a Pró-Reitoria, coordenadores de curso e diretores das unidades.

Paralelamente à criação dos indicadores, outro passo importante é o programa Busca Ativa. Inspirado em políticas da educação básica, o projeto, além de buscar evitar possíveis desistências, quer contatar estudantes que abandonaram os cursos, compreender suas motivações e oferecer caminhos de retorno. Mais do que resgatar números, a proposta é escutar histórias — como as que você leu aqui — e construir soluções a partir delas.

“Esse processo de busca ativa é para além de entender em que momento o aluno se evadiu, também tentar entender o porquê. Entender esse porque tem um aspecto importante que é às vezes agir de forma preventiva, ou seja, em função desses perfis de alunos que evadem. Cada coordenador, secretário de curso, professor sabe mais ou menos onde é aquele momento chave onde o aluno vai definir se é aquele curso que ele escolheu, que ele quer para a carreira, ou se eventualmente tem alguma barreira dentro do curso que impede ele ir mais adiante”. O coordenador ainda explica que o intuito é ir de fato atrás de cada estudante. “Vou para o telefone, mandar um e-mail, preencher o formulário, a ideia é essa lá na Busca Ativa. E logicamente reduzir os nossos indicadores de evasão e também ter um olhar para o represamento. Porque a ocorrência da evasão, ela começa com o represamento, que é um outro indicador importante”.

Além dessas medidas, Júlio Barros ainda revelou que estão com o olhar bem atento e trabalhando constantemente em novas implementações a fim de garantir o melhor para os discentes que necessitam de condições especiais para que a jornada universitária seja possível. *“A gente tá agora tentando aprovar, que fizemos recentemente, uma resolução com relação ao regime especial, que é aquele regime para o aluno que vai acompanhar um familiar por questões de saúde. A questão da maternidade também vai ficar melhor explicado, a questão da adoção também vai entrar nessa resolução. Os alunos da área de esportes que vão representar a universidade,*

por exemplo, poderão também pleitear regime especial. Então, essa resolução, acredito que nos próximos dois meses deverá passar aí pelo crivo dos conselhos superiores”, revela.

Ao longo desta década, o ensino superior brasileiro também assistiu ao fortalecimento de programas como o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), criado ainda em 2008, com foco em moradia, alimentação, transporte e apoio psicossocial. Embora com recursos limitados, essas ações têm sido fundamentais para garantir a permanência dos alunos mais vulneráveis.

O que se vê agora, com iniciativas como o Painel e a Busca Ativa, é uma tentativa de sofisticar esse cuidado. De compreender que o estudante é mais do que um número de matrícula ou um histórico acadêmico. Ele é uma história em construção — com medos, sonhos, crises e potencial.

As expectativas são grandes para que as novas propostas comecem a ser efetivamente implementadas no cotidiano da instituição. Embora a universidade esteja passando por mudanças em seu Estatuto — processo que deve se estender até o final de 2025 e acarretará alterações no regimento — o coordenador Júlio Barros ressalta que algumas ações precisam ser realizadas antes da conclusão dessa reformulação. Entre elas estão a normatização do regimento especial e o desenvolvimento do projeto de Busca Ativa: *“Eu gostaria que até o final deste segundo semestre [de 2025], a gente já tenha os primeiros pilotos. Não dá para fazer com todos os cursos ao mesmo tempo, mas pelo menos tem um piloto neste ano de alguns cursos e próximo ano tem uma implementação bem mais forte relacionada a Busca Ativa”.*

Os dados analisados já vêm apresentando resultados positivos, mas ainda há espaço para avanços. A expectativa é que, com o aprofundamento dos estudos, novas medidas também sejam tomadas em relação à transferência interna entre cursos. *“Essa questão da mobilidade interna é uma coisa que a gente precisa pensar ainda e amadurecer para além do que a gente chama hoje de mudança de curso. É uma coisa que o professor Davi*

[Vasconcelos], *pró-reitor da UFC, tem tido um olhar especificamente de como a gente tenta ampliar a mobilidade interna nos cursos. Mas para que a gente possa fazer a mobilidade a gente tem que primeiro entender os números*”, esclarece Júlio.

As trajetórias que compõem este livro não são exceções, mas sinais de alerta. Elas revelam que a permanência estudantil precisa ser política de Estado, não caridade. Precisa ser pensada desde o primeiro semestre, com acolhimento, escuta, adaptação curricular, assistência adequada e, sobretudo, respeito.

No primeiro semestre de 2025 mais de 400 pessoas fizeram pedidos de reabertura de matrícula — *“um recorde”*, como considera o coordenador da COPIC. E, falando sobre retornos, a esperança é que esse número aumente cada vez mais.

É nesse horizonte que caminhamos: uma universidade que entende que manter o aluno não é deixá-lo à própria sorte, mas criar redes de apoio. Uma universidade que reconhece que formar alguém é também ajudá-lo a permanecer inteiro — fisicamente, emocionalmente e financeiramente — durante o processo.

Ainda há muito a se fazer. Mas o simples fato de que agora se pergunta por que eles estão saindo, e como podemos fazê-los voltar, já aponta um novo caminho.

Porque a evasão não é um fracasso individual. É sintoma de algo maior. E só quando escutamos os silêncios é que podemos, enfim, reconstruir as vozes ■

Tipografia: Miolo, Abhaya Libre 12pt.

Títulos e citações, Fields Display.

É nesse horizonte que caminhamos: uma universidade que entende que manter o aluno não é deixá-lo à própria sorte, mas criar redes de apoio. A evasão não é um fracasso individual. E só quando escutamos os silêncios é que podemos, enfim, reconstruir as vozes.



JORNALISMO
Universidade Federal do Ceará



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

GERDYANA BEZERRA VASCONCELOS
RICHARDSON LAEL RODRIGUES PEREIRA

**RUPTURAS E CAMINHOS: HISTÓRIAS SOBRE EVASÃO E REPRESAMENTO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO

FORTALEZA - CE

2025

GERDYANA BEZERRA VASCONCELOS

RICHARDSON LAEL RODRIGUES PEREIRA

RUPTURAS E CAMINHOS: HISTÓRIAS SOBRE EVASÃO E REPRESAMENTO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Produto jornalístico apresentado como Trabalho de Conclusão ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do Título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa.

FORTALEZA - CE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R389r Richardson Lael, Gerdyana Vasconcelos.
Rupturas e caminhos: histórias sobre evasão e represamento na Universidade Federal do Ceará / Gerdyana Vasconcelos Richardson Lael. – 2025.
80 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa.
1. evasão universitária. 2. represamento. 3. ufc. 4. permanência estudantil. 5. livro-reportagem. I. Título.
CDD 070.4
-

GERDYANA BEZERRA VASCONCELOS
RICHARDSON LAEL RODRIGUES PEREIRA

CAMINHOS E RUPTURAS: HISTÓRIAS SOBRE EVASÃO E REPRESAMENTO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Produto jornalístico apresentado como Trabalho de Conclusão ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do Título de Bacharel.

Aprovada em: DD/MM/AAAA.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Kamila Bossato Fernandes

Universidade do Minho (UM)

Prof. Esp. Eriene Firmino da Silva

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Para que todos entendam que recomeçar
também é um jeito bonito de continuar.

AGRADECIMENTOS

Gerdyana Vasconcelos

Produzir *Caminhos e rupturas* acabou se tornando parte de mim. Perdi a conta de quantas vezes fui questionada sobre meus planos para o dia e a resposta — sempre a mesma — já era até esperada: “vou trabalhar no meu livro.” Foi um período desafiador, intenso e muitas vezes exaustivo. Mas saber que eu estava cercada de pessoas que torciam tanto quanto eu para que tudo desse certo tornou essa caminhada muito mais leve e significativa.

Começo agradecendo aos meus pais e ao meu irmão, que há 22 anos sonham comigo. Em cada uma das entrevistas realizadas, de alguma forma, a importância da família nesse processo — e na vida — foi mencionada. E, ao ouvir tantas histórias, me considero sortuda por reconhecer em mim alguém que, desde sempre, recebeu apoio, conforto, orações e, sobretudo, a certeza de pertencer a um lar que me sustenta. Sou imensamente grata por isso.

Ainda no universo familiar, agradeço ao Samuel: presença constante, escuta sensível e amparo firme. Que dividiu comigo o peso — e também os silêncios — que produzir um trabalho de conclusão de curso pode trazer. À minha dupla, Richardson, e aos demais amigos da UFC, meu muito obrigada por tornarem essa trajetória mais leve desde os primeiros semestres. Compartilhar com vocês as alegrias, angústias e descobertas foi essencial.

Agradeço também ao nosso orientador, Rafael Rodrigues, que acreditou na proposta e embarcou conosco nessa ideia. Estendo minha gratidão à banca avaliadora, Kamila Fernandes e Erilene Firmino, que, ao longo desses anos de graduação, contribuíram profundamente para minha formação e aprendizado.

Richardson Lael

Desde o começo da graduação, eu idealizava esse momento: estar escrevendo os agradecimentos do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Eu sabia que essas palavras carregariam não só todo o sentimento de realização, mas também seria o retrato da minha passagem pela universidade. Com o tempo fui entendendo que elas também são o motivo de eu

ter chegado até aqui. A experiência desses 5 anos me ensinou que minha gratidão está em quem permaneceu ao meu lado durante esse ciclo, e que foram essenciais desde a primeira notícia produzida até a última frase que escrevi neste TCC.

Primeiramente sou muito grato aos meus pais, que foram meus principais incentivadores desde os meus primeiros anos de vida. Sempre acreditaram no meu potencial e nunca deixaram eu duvidar disso, mesmo quando eu pensava o contrário. Eles também são grandes responsáveis por não terem feito eu desistir da universidade quando as dificuldades apareceram. Mesmo não tendo um diploma universitário, Ricardo e Simone me ensinaram tudo que eu sei sobre a importância do conhecimento e sobre valorizar os estudos, e isso carreguei comigo do maternal até aqui. Hoje eu sou a primeira pessoa da minha casa formada no ensino superior, mas divido essa conquista com eles. Essa é uma alegria nossa.

Assim como meus pais, sou grato a todos os parentes que estiveram presentes na minha trajetória acadêmica, mesmo antes de estar na universidade, principalmente minhas avós que sempre foram meus maiores exemplos de resiliência e força. Agradeço ao meu avô materno, que infelizmente não pode estar comigo nesta etapa final, mas que em vida me levava e buscava na escola e viu eu me desenvolver e me tornar o estudante que eu sou.

Não poderia deixar de agradecer também a todas as pessoas que pretendo levar comigo para além dos muros do campus. Os amigos com quem dividi as salas de aula, os momentos de conversa e risadas no ventão, as dificuldades e a loucura dos fins de semestre... esse é um dos principais frutos que colho da universidade. Agradeço em especial a Alice, Gerdyana, Guilherme e Taynara, que para além de amigos, se tornaram meus irmãos.

Agradeço ao meu orientador Rafael Rodrigues, que acreditou nesse trabalho desde o início, sendo também um grande conselheiro durante todo o processo; Agradeço Eriene Firmino e Kamila Bossato, por terem contribuído com seus conhecimentos em nossa banca examinadora e não posso deixar de citar a minha dupla Gerdyana Vasconcelos. Foi um prazer colaborar com alguém talentosa e esforçada, que me inspirou e me ensinou muitas coisas. Sou muito feliz em poder dizer que dividimos esse trabalho lindo e que vamos nos formar juntos.

Por fim, agradeço a todos os nossos personagens que, com coragem, contaram suas histórias e me ensinaram a não ter medo de recomeços.

Do fundo do meu coração, muito obrigado.

RESUMO

O livro-reportagem *Rupturas e Caminhos: Histórias sobre Evasão e Represamento na Universidade Federal do Ceará* analisa o fenômeno da evasão e do represamento acadêmico na instituição, buscando compreender os fatores que levam estudantes ao atraso na conclusão da graduação ou ao abandono definitivo do curso. O trabalho adota abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental, análise de dados institucionais e entrevistas semi-estruturadas com ex-alunos, estudantes e especialistas. As narrativas revelam dimensões sociais, econômicas, familiares e emocionais que atravessam essas trajetórias, como a necessidade de conciliar estudo e trabalho, falta de identificação com o curso, desmotivação diante do mercado de trabalho, maternidade e barreiras de acessibilidade. A escolha do formato de livro-reportagem, com linguagem sensível e literária, permite aproximar o leitor dessas experiências, valorizando histórias muitas vezes invisibilizadas e fomentando reflexões sobre a importância de políticas de permanência e inclusão capazes de reduzir os índices de evasão nas universidades públicas.

Palavras-chave: Evasão universitária; Represamento; UFC; Permanência estudantil; Livro-reportagem.

ABSTRACT

The reportage book *Ruptures and Paths: Stories of Dropout and Course Delay at the Federal University of Ceará* analyzes the phenomenon of student dropout and academic delay at the institution, seeking to understand the factors that lead students to postpone the completion of their degrees or to abandon their courses altogether. The study adopts a qualitative approach, grounded in bibliographic and documentary research, institutional data analysis, and semi-structured interviews with former students, current students, and specialists. The narratives reveal social, economic, family, and emotional dimensions that shape these trajectories, such as the need to balance study and work, lack of identification with the chosen course, discouragement regarding the job market, motherhood, and accessibility barriers. The choice of a reportage book format, with a sensitive and literary language, allows the reader to connect with these experiences, highlighting stories that are often overlooked and encouraging reflections on the importance of retention and inclusion policies capable of reducing dropout rates in public universities.

Keywords: University dropout; Course delay; UFC; Student retention; Reportage book.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	13
2.1 Geral	13
2.2 Específicos	13
3. JUSTIFICATIVA	14
4. METODOLOGIA	15
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
6. CRONOGRAMA	18
7. PROJETO GRÁFICO	19
7.1 Tipografia	20
7.2 Paleta de cores	20
7.3 Ilustrações	21
7.4 Dados técnicos	22
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
BIBLIOGRAFIA	24

1. INTRODUÇÃO

Estar na universidade vai muito além de ter aulas, fazer provas e, ao final, obter um diploma. É viver um mundo de possibilidades, oportunidades, momentos e experiências que moldam cada estudante. Para muitos é a porta de entrada para mudança de vida, ascensão de carreira, engrandecimento intelectual e para validar o seu sucesso como pessoa. Para quem está saindo do ensino médio, estar na universidade representa o começo da vida adulta e o início para as experiências desse novo ciclo. Aos que ingressam tardiamente, a coragem de estar na retomada de uma etapa da vida que pode ter sido adormecida.

A motivação para isso pode ser de um sonho, para ascender na vida, ou pode ser até mesmo para atender expectativas, porém uma coisa é certa: estar no ensino superior é trilhar um caminho que parece ser reto, mas que tem muitos altos e baixos. Os desafios enfrentados pelo universitário no Brasil, principalmente pelos estudantes das classes sociais D e E, são diários e requer muita resiliência, que muitas vezes não é possível ter. Vão desde morar longe da instituição e passar horas no transporte público, ter uma jornada de trabalho exaustiva e ainda ter que assistir aula e dar conta de estudar para todas as disciplinas, e muitas vezes ainda conciliar a maternidade a tudo isso... Esses são exemplos que mostram, muitas vezes, os sacrifícios para continuar vivendo a graduação e alimentar essa aspiração, mas que podem fazer com que a passagem pelo ensino superior seja interrompida.

Estar nessa posição pode levar o estudante a esse rumo e de repente o caminho percorrido chega a um ponto de ruptura – que é chamado de evasão universitária. O fenômeno da evasão universitária, segundo o Ministério da Educação (MEC) dividida em três níveis: evasão de curso (ligadas ao abandono ou transferência para outro curso), evasão de instituição (saída da instituição em que o aluno estava matriculado) e evasão de sistema (abandono, temporário ou permanente, do ensino superior). Entretanto seus primeiros sinais aparecem com o represamento, que se manifesta no atraso do andamento da graduação, seja por sobrecarga de tarefas e exigências, ausências frequentes ou reprovações. Esse processo também pode estar relacionado à falta de identificação do estudante com o curso ou à sua vivência dentro da universidade, podendo ser uma das causas de evasão.

Este livro-reportagem investiga como a evasão universitária acontece dentro da Universidade Federal do Ceará (UFC), a partir dos números de abandono e retenção da instituição, mas principalmente, conta como ela acontece e o que a motiva a partir das histórias de ex-alunos que saíram da universidade e/ou que passaram ou passam por situações de represamento.

Mesmo com programas e ações voltadas para a permanência dos discentes, existem casos em que a instituição de ensino não consegue ajudar o aluno prestes a evadir, sendo o abandono uma questão recorrente entre os campus da capital cearense e das unidades interioranas. Por isso, a partir dos relatos presentes nos perfis deste livro, o leitor poderá entender como funciona a evasão ao se conectar com a trajetória de cada personagem.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Investigar, compreender e narrar, por meio de um produto jornalístico (Livro-reportagem) com um estilo de escrita mais sensível e humanizado, os principais fatores que contribuem para o represamento e evasão de estudantes na Universidade Federal do Ceará. Dando visibilidade aos aspectos institucionais, sociais, econômicos, familiares e ainda os aspectos subjetivos envolvidos neste fenômeno.

2.2 Específicos

- Contextualizar o que é represamento e evasão universitária;
- Investigar os principais motivos que levam ao represamento e à evasão universitária na UFC;
- Apontar os programas e as políticas públicas criados nos últimos anos para reduzir este fenômeno, analisando sua efetividade;
- Identificar perspectivas futuras da universidade sob estas problemáticas, observando o grau de importância atribuído ao tema e as medidas que vêm sendo planejadas;

- Refletir sobre os desafios institucionais enfrentados pela UFC no acolhimento e permanência dos discentes;
- Relatar a experiência de estudantes e ex-estudantes da instituição que vivenciaram o represamento e a evasão, trazendo uma perspectiva humanizada ao tema.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha do tema justifica-se pela relevância social e educacional do represamento e da evasão universitária no cenário brasileiro, especialmente nas instituições públicas federais que têm papel central na promoção do acesso e na democratização do ensino superior. A Universidade Federal do Ceará (UFC), uma das maiores do nordeste, enfrenta índices expressivos de represamento e evasão em diversos cursos, o que evidencia a urgência de compreender com mais profundidade os fatores que contribuem para estes fenômenos.

Optar pelo livro-reportagem tem como objetivo adotar uma linguagem mais acessível, sensível e envolvente, capaz não apenas de informar, mas também de emocionar e instigar reflexões sobre as trajetórias interrompidas de estudantes que, muitas vezes por circunstâncias alheias à própria vontade, se viram forçados a diminuir o ritmo de seus cursos ou, até mesmo, abandoná-los.

Com isso, este trabalho busca contribuir para o debate sobre políticas de permanência, inclusão e acolhimento nas universidades públicas, além de contribuir para que outros estudantes possam de certa forma se sentir acolhidos ao se reconhecerem em outras histórias, se livrando de uma pressão ou culpa e entendendo que a vida não precisa ser uma linha reta sem desvios, mas sim que reinventar o caminho às vezes é necessário, não anulando a possibilidade da realização profissional, intelectual e pessoal.

4. METODOLOGIA

A elaboração deste projeto baseou-se em duas etapas metodológicas principais, com enfoque qualitativo. Na primeira etapa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, que envolveu a análise de artigos científicos, livros e painéis de indicadores disponibilizados pela própria Universidade Federal do Ceará. O objetivo foi compreender os conceitos, os principais fatores e os dados relacionados ao represamento e à evasão universitária, a fim de embasar teoricamente o trabalho e estruturar a organização do livro-reportagem.

A segunda etapa consistiu na realização de entrevistas com personagens cujas trajetórias se vinculam diretamente às causas mais recorrentes do represamento e da evasão no ensino superior. Entre os fatores abordados nas entrevistas estão: a necessidade de conciliar os estudos com o trabalho, a ausência do apoio familiar atrelado aos desafios enfrentados pela maternidade na vida acadêmica, dificuldades de adaptação ao curso, desmotivação em relação ao mercado de trabalho e questões relacionadas à acessibilidade.

Foram entrevistados três ex-estudantes e um estudante ainda vinculado à instituição. Posteriormente, também foram realizadas entrevistas com especialistas, que contribuíram com análises técnicas sobre os temas abordados nos relatos individuais.

As entrevistas ocorreram de forma presencial e virtual, sendo estas últimas conduzidas por meio da plataforma de comunicação online *Google Meet*. Todas seguiram o formato de entrevistas semi-estruturadas. No caso dos personagens, foi elaborado um roteiro com aproximadamente 20 perguntas, contemplando desde a relação dos entrevistados com a educação na infância e adolescência, passando pela fase pré-vestibular, ingresso e vivências na universidade, até os motivos que culminaram no represamento ou evasão.

As entrevistas com os especialistas também foram semi-estruturadas, porém com roteiros específicos, elaborados conforme suas áreas de pesquisa e atuação, de modo a articular seus conhecimentos e experiências aos perfis previamente construídos.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Falar de evasão e represamento é acessar a história que cada indivíduo tem com a graduação, bem como sua passagem pela universidade. Para trazer detalhes da vida de cada personagem até o momento em que evadiram, junto com as nuances, personalidades e vivências que cada um carrega, os autores de *“Rupturas e Caminhos: Histórias sobre Evasão e Represamento na Universidade Federal do Ceará”* escolheram como suporte o gênero livro-reportagem.

Sendo uma forma de levar o leitor a se aprofundar em determinado assunto (ASSUNÇÃO, 2021), “O livro-reportagem atinge, desse modo, um território que mergulha no fato e conta uma história. É daí que emana a sedução e emoção desta obra jornalística, e, ao mesmo tempo, literária. Ampliam-se, não só as páginas escritas, mas também, o contato entre a reportagem, o jornalista e o leitor” (OLIVEIRA, 2006). Edvaldo Pereira Lima complementa conceituando o gênero do jornalismo como:

“[...] Veículo de comunicação jornalística não-periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo, bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade.” (LIMA, 1995, p.7)

Paula Melani Rocha e Cintia Xavier (2013) descrevem o livro-reportagem como uma obra que “trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias” (ROCHA e XAVIER, 2013, p. 144). Tais nuances – como a ambientação das histórias, a descrição dos personagens, cenários, diálogos, além do uso de um tom dramático para trazer um clímax nos perfis do trabalho em questão – estão ancoradas no jornalismo literário, considerado por Pena (2011) como um terceiro gênero oriundo da junção entre a literatura e o jornalismo. Sobre suas características, o autor discorre:

“Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper

as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (PENA, 2008, p.13).

Esse é um conceito também chamado de *New Journalism*, que surgiu nos Estados Unidos no início da década de 60 como uma nova forma de combinar o romance e as grandes reportagens especiais (DOMINGUES, 2012, p. 149). Tom Wolfe, em relação às características desse movimento, explica:

“A ideia era fornecer a descrição objectiva completa, e ainda outra coisa que os leitores encontravam nos romances novelas: concretamente, a vida emocional e subjetiva dos personagens” (WOLFE, 1975, p. 35).

Juntamente com os recursos literários e jornalísticos e tendo como objeto de pesquisa a Universidade Federal do Ceará, *Rupturas e Caminhos* expõe dados estatísticos de evasão retirados do Painel de Indicadores da Graduação da instituição. O livro também se utiliza das definições sobre evasão da Comissão de Comissão Especial de Estudos Sobre Evasão, do Ministério da Educação (1996), além do conteúdo teórico do conteúdo teórico de Rodolfo Ambiel (2015). Os parágrafos a seguir contém, de forma resumida, os temas abordados por cada um.

O relatório realizado pela Comissão Especial de Estudos Sobre Evasão, do Ministério da Educação (MEC), ajudou a explicar o que é a evasão universitária, trazendo além da definição, a divisão do fenômeno em três níveis: evasão de curso, evasão de instituição e evasão de sistema.

Em “*M-ES Escala de Motivos de Evasão do Ensino Superior*”, o doutor em psicologia e professor da PUC-Campinas, Rodolfo Ambiel desenvolveu uma escala de motivos de abandono da universidade, contendo 53 itens que foram sintetizados em 7 grupos: institucionais, pessoais, falta de suporte, carreira, desempenho acadêmico, interpessoais e autonomia.

6. CRONOGRAMA

Fase de produção	Período	Produção
Fase 01	Novembro de 2024 à fevereiro de 2025	Pesquisas e primeiro esboço dos capítulos do livro.
Fase 02	Abril e maio de 2025	Entrevistas e produção do capítulo 3 - Evasão devido a fatores pessoais.
Fase 03	Maió à julho de 2025	Entrevistas e produção do capítulo 2 - Evasão devido a necessidade de trabalhar.
Fase 04	Maió e junho de 2025	Entrevistas e produção do capítulo 5 - Represamento devido a falta de acessibilidade.
Fase 05	Junho e julho de 2025	Entrevistas e produção do capítulo 4 - Evasão devido a falta de identificação com o curso e desilusão com o mercado de trabalho.
Fase 06	Julho de 2025	Entrevista e produção do capítulo introdutório.
Fase 07	Julho de 2025	Entrevista e produção do capítulo final.

Fase 08	Junho e julho de 2025	Diagramação do livro.
---------	-----------------------	-----------------------

7. PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico do livro *Rupturas e Caminhos* foi idealizado em uma proposta mais minimalista que, através das cores e detalhes visuais, fizessem referência a caminhos, linhas curvas e processos, conservando a ideia principal das histórias narradas. O desenvolvimento desse projeto ficou na responsabilidade da Design Rachel Lima, por intermédio da empresa Mote Design de Ideias, que foi executado com o software especializado Adobe InDesign 2025.

A capa do livro apresenta a ilustração de uma pessoa posicionada entre diversos caminhos, representando simbolicamente as diferentes trajetórias seguidas pelos personagens. A sombra da figura é projetada a partir de um círculo central, elemento que, além de destacar o título, remete ao sol — símbolo de novos caminhos sendo iluminados. Esse círculo, colocado sobre os trajetos, também pode ser interpretado como uma metáfora para os obstáculos enfrentados ao longo das jornadas narradas.

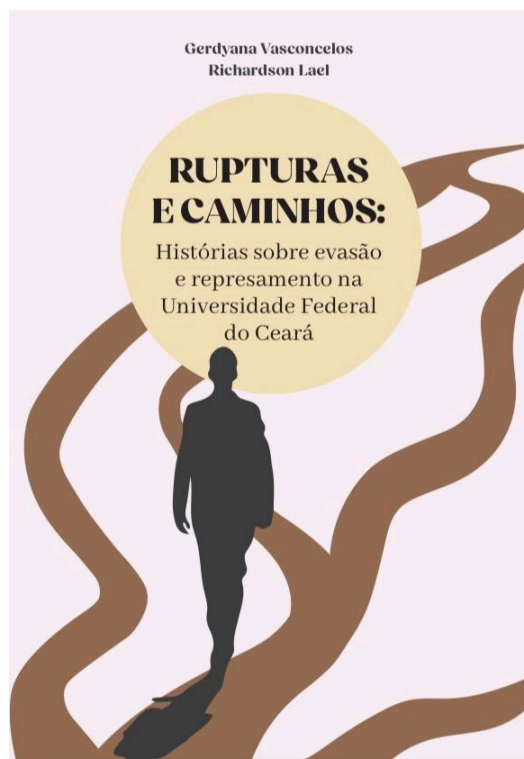


Imagem 01: Ilustração da capa do livro-reportagem.

7.1 Tipografia

A tipografia do projeto é composta por duas diferentes famílias de fontes. Abhaya Libre, no tamanho 12pt, que compõe a maior parte da leitura. E nos títulos e citações, foi utilizada a fonte Fields Display. Abaixo, representação de ambas as fontes.

∨ Abhaya Libre (2)	Sample	≈ ★ ☁
Regular	Sample	☁
Bold	Sample	☁
∨ Fields Display (2)	Sample	★ ☁
Bold	Sample	☁
Extra Bold	Sample	☁

Imagem 02: Informações sobre a tipografia utilizada na construção do livro-reportagem.

7.2 Paleta de cores

Entre as cores selecionadas, o marrom e o azul foram as primeiras a serem definidas. O marrom faz referência aos caminhos e à terra, elementos centrais na proposta visual. Já o azul foi escolhido por sua associação com a Universidade Federal do Ceará, estando presente em seu símbolo institucional. Ambas as cores foram adaptadas para tons pasteis, buscando uma harmonia estética mais suave e condizente com o estilo do livro.

A tonalidade final do azul aproxima-se também do verde, o que acrescenta à paleta a simbologia da esperança na caminhada. Além dessas, o lilás foi incorporado com o intuito de trazer sensibilidade ao projeto, um aspecto que buscamos evidenciar ao longo de toda a construção do livro.

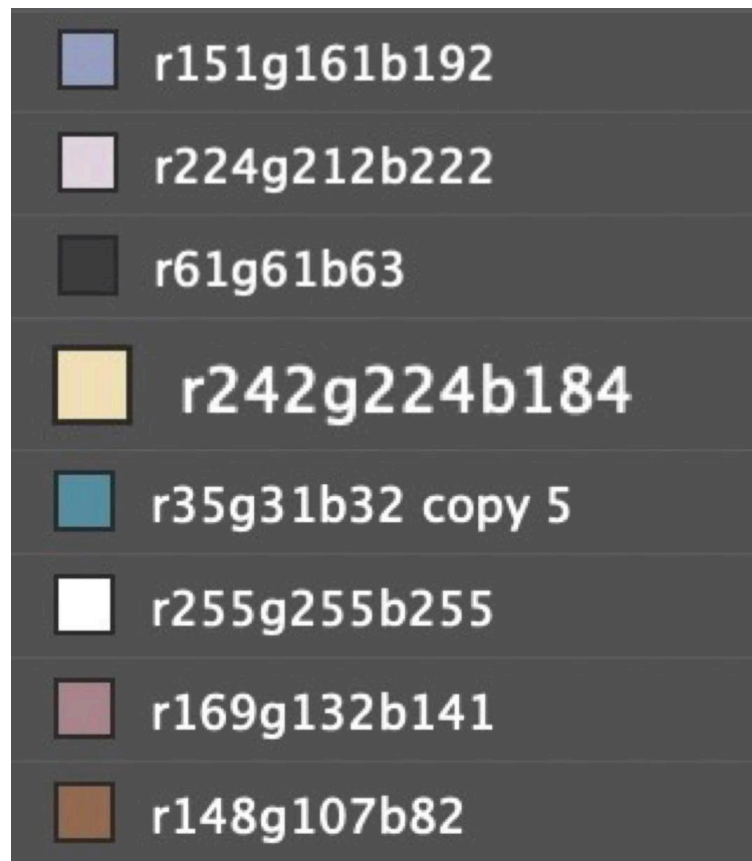


Imagem 03: Dados da paleta de cores selecionadas para o livro-reportagem.

7.3 Ilustrações

Como forma de identificação dos personagens e complementar ao conteúdo, foi criada uma carteirinha de estudante, que especifica dados pessoais de cada personagem se tornando um cartão de apresentação para cada um.



Imagem 04: Ilustração da carteirinha do primeiro aluno que aparece no livro.

7.4 Dados técnicos

A seguir, os dados técnicos do documento diagramado, considerando as configurações utilizadas no Adobe InDesign 2025. Margens superior e inferior: 17mm; Medianiz: 17mm; Sangria: 3mm.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de *Rupturas e caminhos* foi um livro pensado para dar espaço a histórias que muitas vezes passam despercebidas. Como já mencionado, a evasão universitária frequentemente tem origem em um processo de represamento: faltas, reprovações e atrasos no curso podem, aos poucos, levar o estudante a abandonar a graduação. Além disso, as vivências e particularidades de cada aluno influencia sua trajetória dentro da universidade. Por isso, tornou-se essencial abordar as motivações por trás da evasão a partir do ponto de vista de quem a vivenciou. Com esses relatos, buscamos aproximar a Universidade Federal do Ceará dos seus discentes, destacando a importância de um olhar mais atento e cuidadoso para esse fenômeno, com o objetivo de tornar a experiência universitária mais acolhedora e acessível.

Trazendo uma perspectiva pessoal, os autores deste projeto também integram o grupo de estudantes represados. Um curso originalmente previsto para quatro anos se transformou em cinco — e, para muitos, esse tempo se estende ainda mais. É comum acontecer. Seja por sucessivas reprovações, outras prioridades ou até mesmo pelo medo e ansiedade que nos fazem adiar projetos. Não somos um caso isolado, e por isso queremos que cada vez mais alunos recebam um apoio e um olhar mais empático, da instituição e até mesmo dos próprios colegas e professores.

Durante o processo de apuração, enfrentamos alguns obstáculos — como a perda de possíveis fontes, que exigiu decisões editoriais difíceis. Ainda assim, encerramos este trabalho com a satisfação de termos conseguido abrir espaço para diferentes histórias. Permanecemos, no entanto, com o sentimento de que ainda há muito por fazer por trás de cada número registrado. E com a esperança de que a universidade, como peça fundamental nesse processo, busque estratégias efetivas para reduzir esses índices.

E nesse horizonte que caminhamos: uma universidade que entende que manter o aluno não é deixá-lo à própria sorte, mas criar redes de apoio. A evasão não é um fracasso individual. E só quando escutamos os silêncios é que podemos, enfim, reconstruir vozes.

BIBLIOGRAFIA

AMBIEL, R.A.M. M-ES Escala de Motivos de Evasão do Ensino Superior. **Editora Hogrefe**, São Paulo, 2015.

COMISSÃO ESPECIAL DE ESTUDOS SOBRE EVASÃO (MEC/ANDIFES / ABRUEM/ SESU). **Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas**. Brasília, 1996.

DO CEARÁ, Universidade Federal. **Revista UFC 70 Anos**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 28-29, jun. 2025. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/noticias/2025/250718_revista_ufc_70_anos.pdf. Acesso em: 22 jul. 2025.

Universidade Federal do Ceará. **Painéis Estratégicos da UFC**, 2020. Painéis de Graduação. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiM2Q0MmRiYjktYjhiMC00Zjc4LTliZTktMTg4NGY1NjY0OThkIiwidCI6ImI1OTFhZTU0LTMzYzItNDU4OS1iZTY2LTkwMjFhNDE5NmM3YyJ9>. Acesso em: 16 jul. 2025.

Banco Palmas. **Site Banco Palmas**, 2020. Sobre. Disponível em: <https://bancopalmas.com/sobre/>. Acesso em: 15 jul, 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, 2023. Brasília: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/17270-pnad-continua.html>. Acesso em 12 jul. 2025,

VIDA Maria. Direção de Marcio Ramos. Ceará: VIACG, 2006. 1 vídeo (8:35 min.).

NOVO trabalho do Ipece revela indicadores sobre educação e mercado de trabalho entre jovens. **IPECE**, 2022. Disponível em:

<https://www.ipece.ce.gov.br/2023/10/18/novo-trabalho-do-ipece-revela-indicadores-sobre-educacao-e-mercado-de-trabalho-entre-jovens/>. Acesso em: 29 mai. 2025.

ENTENDA o que é ‘lockdown’. **G1**, Rio de Janeiro, 06 de mai. de 2020. Bem-estar. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/06/entenda-o-que-e-lockdown.ghtml>

. Acesso em: 29 mai. 2025.

VAZ, Juliana. O que é User Experience (UX) Design? Tudo o que você precisa saber. **EBAC**, 2023. Disponível em: <https://ebaonline.com.br/blog/o-que-e-ux-design>. Acesso em: 18 jul. 2025.

O QUE é uma Placa de Petri - Definição, Uso e Aplicação. **SPLabor**, 2024. Disponível em:

<https://www.splabor.com.br/blog/placa-de-petri/qual-a-funcao-da-placa-de-petri-no-laboratorio/>.

Acesso em: 09 de jul. 2025

ASSUNÇÃO, Bárbara Aline Ferreira. LIVRO-REPORTAGEM: O JORNALISTA COMO AUTOR. **RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, Brasil, v. 1, n. 5, p. 182–187, 2024. DOI: [10.51473/rcmos.v1i5.2021.107](https://doi.org/10.51473/rcmos.v1i5.2021.107). Disponível em: <https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/107>. Acesso em: 30 jul. 2025.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. **Intercom**, v. 6, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r0717-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2025.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **RuMoRes**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 138–157, 2013. [DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69434](https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69434). Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>.. Acesso em: 30 jul. 2025.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 13.

DOMINGUES, Juan de Moraes. **A ficção do novo jornalismo nos livros-reportagem de Caco Barcellos e Fernando Moraes**. 2012, p. 149. 501 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WOLFE, T. **The New Journalism**. Londres, Picador, 1975, p. 35.